

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE-UERN
CAMPUS AVANÇADO DE PATU-CAP
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LETRAS LÍNGUA PORTUGUESA E SUAS LITERATURAS

THÂMARA SOARES DE MOURA

***INSTAGRAM* E TRANSTORNO DE ANSIEDADE: AS PRÁTICAS DE
GOVERNAMENTALIDADE E A MEDICALIZAÇÃO PARA O CORPO ANSIOSO**

PATU
2018

THÂMARA SOARES DE MOURA

***INSTAGRAM* E TRANSTORNO DE ANSIEDADE: AS PRÁTICAS DE
GOVERNAMENTALIDADE E A MEDICALIZAÇÃO PARA O CORPO ANSIOSO**

Monografia apresentada à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN – Campus Avançado de Patu – CAP, Departamento de Letras, como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas.

ORIENTADORA: Prof.^a. Ma. Luciana Fernandes Nery

PATU

2018

Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

S676i Soares de Moura, Thâmara
Instagram e transtorno de ansiedade: as práticas de governamentalidade e a medicalização para o corpo ansioso. / Thâmara Soares de Moura. - Patu, 2018.
70p.

Orientador(a): Profa. M^a. Luciana Fernandes Nery.
Monografia (Graduação em Letras (Habilitação em Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas)).
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Letras (Habilitação em Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas). 2. Discurso. 3. Corpo ansioso. 4. Governamentalidade. 5. Medicalização. I. Fernandes Nery, Luciana. II. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

THÂMARA SOARES DE MOURA

***INSTAGRAM* E TRANSTORNO DE ANSIEDADE: AS PRÁTICAS DE GOVERNAMENTALIDADE E A MEDICALIZAÇÃO PARA O CORPO ANSIOSO**

Monografia apresentada à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, Campus Avançado de Patu – CAP, Departamento de Letras, como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas.

ORIENTADORA: Prof.^a. Ma. Luciana Fernandes Nery

Aprovado em ___/___/___.

Banca Examinadora

Prof^a Ma. Luciana Fernandes Nery- orientadora
Universidade Estadual do Rio Grande do Norte - UERN

Prof. Dr. Francisco Vieira da Silva
Universidade Federal Rural do Semi-árido - UFRSA

Prof^a Ma. Beatriz Pazini Ferreira
Universidade Estadual do Rio Grande do Norte - UERN

Deus, família, amigos e mestres...
Dedico a todos que, a sua maneira, ajudaram-me a trilhar este
percurso... por vezes árduo, por vezes doce.
Aqui, mais um sonho se concretiza.
Gratidão!

AGRADECIMENTOS

Rememorando cada etapa deste trabalho, me vem à mente situações e pessoas a quem me sinto no dever de agradecer por suas inúmeras contribuições. Contribuições estas que não se restringem apenas a constituição direta destas páginas, mas que, também, foram coadjuvantes na minha lapidação pessoal e acadêmica ao longo desta jornada.

Sem dúvidas, o primeiro a quem devo todos os agradecimentos e louvores é a Deus. Graças ao Seu amor e bondade pude trilhar, ao longo destes quatro anos, sob Sua benção, proteção e iluminação. Agradeço-o por me dar forças e me presentear com inúmeras conquistas, momentos, pessoas incríveis e, até mesmo, com os inúmeros obstáculos enfrentados ao longo deste período, pois foi a partir de tais situações que pude crescer e conquistar meus sonhos e objetivos com muito mais garra.

Em sequência, dedico este trabalho aos meus pais, Telma e Moacir Moura, como forma de gratidão a todo o acompanhamento, carinho, preocupação e amparo nesta caminhada. Não foram poucas as noites que passei em claro para que esta pesquisa fosse construída, e vocês, amorosa e pacientemente, me apoiaram apesar das adversidades deste período. Aos senhores, retribuo, hoje, parte de todo esforço e renúncia que por mim fizeram; a todas as apostas e investimentos em minha educação, não só em termos materiais, mas por me construir a pessoa que sou hoje. À minha irmã, Thábita, agradeço por ter sido minha “cobaia” quando brincávamos de “escolinha” – em que eu me impunha sempre como a professora (risos) –, além de todo o companheirismo e cumplicidade desses anos. Agradeço a vocês três por disponibilizarem, cada um à sua maneira, a maior das heranças: o conhecimento. Essa vitória é pra vocês, por vocês, e apenas o início de muitas conquistas!

Dedico também aos meus familiares, em especial aos meus avós: Seu Tião, Dona Margarida, Seu Manoel e Dona Maria. Aos senhores, sou grata por me proporcionarem todo o carinho e lições de sabedoria de uma vida bem vivida. Em particular, aproveito o espaço para homenagear vovô “Manoel” (*in memoriam*) e vovó Margarida (*in memoriam*). Perdi-os fisicamente durante esta jornada, mas, sei

que, mesmo distantes, os senhores se fizeram e se fazem presentes metafisicamente neste momento. Além disso, agradeço aos meus tios Tarcio e Talvanes por todas as indicações, encaminhamentos e materiais cedidos no decorrer desta graduação. A figura de vocês foi de grande importância e norte neste caminho!

Não poderia deixar de citar aqui, ainda, os profissionais que fizeram a diferença na minha lapidação pessoal e estudantil/acadêmica/profissional. Primeiramente, agradeço mais uma vez à minha mãe, Telma Moura, por ser também a “musa inspiradora” da minha escolha profissional. Da senhora herdei, desde cedo, o amor pela docência; um ofício lindo (e árduo) da qual nunca tive dúvidas em exercer, pois, desde criança, brincar de escolinha era mais que uma diversão: era (e permanece sendo) uma vocação. Agora, darei sequência aos seus passos na “vida real”.

Ao amor desmedido pelo mundo das Letras, devo especificamente a minha grande professora, Jucyana Myrna, que me acompanhou durante dois anos, nas antigas 1ª e 4ª séries do fundamental. Em suas mãos fui lapidada e pude, mesmo aos 9/10 anos, decidir a área que seguiria (já que a docência sempre foi uma escolha cristalizada). Além disso, agradeço aos professores da graduação, Ananias Agostinho e Francisco Vieira, por me proporcionarem tantos aprendizados nos primeiros contatos com a Linguística, pois através das suas aulas me encontrei no curso. À Annie Tarsis, toda a gratidão e admiração por sempre cativar descomunalmente não só a minha criatividade nas análises literárias, mas também por me inspirar também a seguir os seus passos enquanto profissional e ser humano.

À Luciana Nery, agradeço em especial por me apresentar aos encantos da Análise do Discurso. Como orientadora, me conduziu tão bem na pesquisa, traduzindo eximamente os meus pensamentos e sempre incentivando a ter, cada vez mais, uma postura autônoma enquanto pesquisadora. Obrigada pelas cobranças, mas, principalmente, pelos ensinamentos. Estes elementos me fazem finalizar esta graduação/pesquisa com outro olhar e, com certeza, com muito mais sagacidade para seguir carreira na área!

Aos demais profissionais, docentes e discentes que me acompanharam e contribuíram nesta lapidação, seja através dos estágios e/ou dos projetos de ensino PIBID e RESPED, agradeço-os pelos subsídios na atuação, pelas trocas de experiências e pelos conhecimentos adquiridos. Em específico, as coordenadoras Ghisleny, Leidiana e Beatriz, bem como aos professores supervisores/colaboradores Gleison, Vioneide, Anaceli, Robervânia e Joceilma sou grata por me apresentarem, na prática, a realidade desta profissão. Tais experiências só contribuíram para saber que estou no caminho certo.

Aqui, gostaria de lembrar e agradecer, também, a todos os amigos que estiveram comigo desde o momento em cheguei em Patu ao período da graduação. Em específico, mas sem desmerecer de forma alguma a importância dos demais, citarei aqueles que vivenciaram de perto as minhas felicidades e tristezas neste período, que me ofereceram um ombro amigo e me sustentaram por diversas vezes: Jean Carlos, João Kennedy e Felícia Gomes.

À Jean Carlos, agradeço pelo companheirismo de todos esses anos. Tais páginas assinam, também, a sua enorme contribuição. Assim sendo, agradeço pelas tardes de estudo, pelas orientações nas literaturas “das biológicas”, bem como pelos auxílios nos ensaios, dicas para a defesa e apoio nas adversidades da vida. Este trabalho não seria o mesmo sem a sua colaboração. Além disso, fora da academia, sou grata pelos seus ensinamentos, cumplicidade, descontração e palavras de apoio e repreensão nos devidos momentos. Obrigada por me incentivar a ir adiante, a pensar alto e a lutar por meus objetivos, SEMPRE exigindo o melhor de mim.

À Kennynho, primeiramente, me sinto no dever de agradecer por todos os momentos que me escutou quando, ironicamente, apresentava-me em crises de ansiedade provenientes a construção inicial deste trabalho (estarei eternamente em *déficit* com você, pois não há nada que eu faça e/ou diga que possa retribuir à altura todas as lindas palavras de apoio). Sou grata pelo companheirismo, leveza e risadas de todos os dias. Além do mais, agradeço-o por sempre se preocupar e permanecer ao meu lado em todos os momentos (desde o Ensino Médio), por oferecer um ponto de segurança e descontração, por pegar no meu pé e acreditar na minha capacidade (quando até eu já tinha desistido). Por fim, agradeço-o por sempre se fazer presente em todos os momentos, acadêmicos ou não.

À Felícia por ser uma eximia companheira de trabalhos, artigos, desabafo e sorrisos diários. Obrigada por embarcar junto comigo nas loucuras dos eventos acadêmicos, em que sempre se doou na construção das nossas pesquisas. Agradeço também ao nosso grupo de estudos “Avoetes”, composto por mim, Felícia, Aristóteles, Lorena, Fabrícia e Noel. Com certeza a nossa união e cumplicidade fizeram com que os encargos da rotina universitária se tornassem mais leves e divertidos. Nossas manhas farão muita falta.

À tod@s vocês, a minha sincera admiração, carinho e gratidão! Obrigada!

Quem se arrisca a andar por ares nunca antes respirados ou pensar fora da curva tem grandes chances de encontrar pedras no caminho. No entanto, ninguém é digno de contribuir para a ciência se não usar suas dores e insônias nesse processo. Não há céu sem tempestade. Risos e lágrimas, sucessos e fracassos, aplausos e vaias fazem parte do currículo de cada ser humano, em especial daqueles que são apaixonados por produzir novas ideias.

Augusto Cury (2015)

LISTA DAS FIGURAS

Figura 01-----	43
Figura 02-----	45
Figura 03-----	47
Figura 04-----	51
Figura 05-----	54
Figura 06-----	56
Figura 07-----	59
Figura 08-----	61

RESUMO

Na sociedade contemporânea, o transtorno de ansiedade é a psicopatologia que mais acomete os sujeitos. Logo, diante deste cenário e, considerando que as ações sociais engendram os discursos, visualiza-se a aparição crescente de perfis que abordam tal transtorno no *Instagram*, no qual os sujeitos ansiosos utilizam o espaço virtual para expurgar os sentimentos angustiantes. Partindo disto, o referido estudo teve por objetivo geral investigar a atuação do *Instagram* enquanto um dispositivo medicalizador para o corpo ansioso através da observação das práticas de governamentalidade destes sujeitos, bem como os respectivos modos de subjetivação suscitados pelo dispositivo. Isto posto, as análises efetivaram-se a partir das concepções teóricas de Courtine (2016), Deleuze (1996), Bauman (2008), Foucault (2008b), Gregolin (2007), entre outros. A metodologia, por sua vez, calcou-se no estudo exploratório-descritivo, uma vez que intentou-se explorar e descrever as dinâmicas de tal fenômeno no meio virtual. O *corpus* foi composto por oito *posts* dos perfis @akapoeta, @matheusrocha e @paratodososloucosdomundo, no *Instagram*, em que todos os respectivos administradores sofrem com o transtorno de ansiedade. Diante disso, adotou-se como critério de seleção a abordagem poética dos transtornos de ansiedade em suas materialidades verbo-imagéticas. Nesse contexto, este estudo justifica-se pela necessidade de investigar o dispositivo medicalizador *Instagram*, considerando que são práticas incentivadas pelos órgãos da saúde na mídia digital, além de contribuir para o arcabouço teórico da Análise do Discurso no que concerne aos estudos do corpo ansioso. Deste modo, a investigação possibilitou compreender que as mídias sociais, cada vez mais presentes na vida do sujeito, oferece um ambiente acessível, democrático e instantâneo que pode propiciar, através da escrita terapêutica, o confronto do paciente com os “fantasmas psíquicos” provenientes ao transtorno. Por sua vez, as materialidades, de cunho poético, reafirmam a identidade de um corpo consciente, em luta íntima e sempre em busca de cura. Portanto, este dispositivo medicalizador pode resultar na medicalização dos corpos ansiosos e, eventualmente, auxiliar no controle das suas crises.

Palavras-chave: Discurso. Corpo ansioso. *Instagram*. Governamentalidade. Medicalização.

ABSTRACT

In contemporary society, the anxiety disorder is a psychopathology that most affects social subjects. Therefore, considering this scenario and considering that social actions engender the discourses, it's possible to visualize the increasing appearance of profiles that approach this disorder in the Instagram, in which anxious subjects use the virtual space to purge distressing feelings. From this, this study aimed to investigate the performance of Instagram as a medical device for the anxious body through the observation of the governmentality practices of these subjects, as well as the respective modes of subjectivation provoked by the device. In this way, the analyzes were made from a theoretical conceptions of Courtine (2016), Deleuze (1996), Bauman (2008), Foucault (2008b), Gregolin (2007), among others. The methodology was based on the exploratory-descriptive study, since it was tried to explore and describe the dynamics of such phenomenon. The corpus, in turn, is composed of eight posts of the profiles *@akapoeta*, *@matheusrocha* and *@paratodososloucosdomundo*, in Instagram, in which all the respective administrators suffer with the anxiety disorder. Therefore, the poetic approach of anxiety disorders in their verbal-imagery materialities was adopted as a selection criterion. From this, this study is justified by the need to investigate the medical device Instagram, considering that these are practices encouraged by the health agencies in the digital media, in addition to contributing to the theoretical framework of Discourse Analysis regarding the studies of the anxious body. That way, the research made it possible to understand that social media, more and more present in the subject's life, offers an accessible, democratic and instantaneous environment that can propitiate, through the therapeutic writing, the confrontation of the patient with the "psychic ghosts" coming from the disorder. In turn, the materialities, of a poetic nature, reaffirm the identity of a conscious body, in intimate fight and always search for healing. Therefore, this mediatic device can result in the medicalization of anxious bodies and eventually helping to control their crises.

KEYWORDS: Discourse. Anxious body. Instagram. Governmentality. Medicalization.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO I – DISCURSO, MÍDIAS DIGITAIS E DINÂMICAS DOS DISPOSITIVOS: UMA PERSPECTIVA DA ANÁLISE DO DISCURSO	19
1.1 A perspectiva teórica da Análise do Discurso de linha Francesa	19
1.2 Discurso, dispositivo e mídias: os jogos de saber-poder-subjetividade nos discursos midiáticos virtuais	23
CAPÍTULO II – BIOPOLÍTICA, CORPO E TRANSTORNO DE ANSIEDADE: UMA ARQUEOGENEALOGIA DOS DISCURSOS DA ANSIEDADE NA CONTEMPORANEIDADE	29
2.1 Biopolítica, Medicalização e Governamentalidade: as modulações da corporeidade em foco.....	29
2.2 Capitalismo, imperativo da felicidade e adoecimento mental: uma arqueogenealogia das emoções contemporâneas	33
CAPÍTULO III – A GOVERNAMENTALIDADE DO SUJEITO ANSIOSO NO INSTAGRAM: PRÁTICAS DE MEDICALIZAÇÃO POR MEIO DOS <i>POSTS</i> POÉTICOS.....	41
3.1 Medicalização, <i>Instagram</i> e corpo ansioso: a formação do dispositivo	41
3.2 O risco-segurança das psicoterapias no <i>Instagram</i> : práticas de governamentalidade e medicalização	49
3.3 Do sofrimento psíquico à medicalização no <i>Instagram</i> : os modos de subjetivação dos sujeitos ansiosos no dispositivo medicalizador.....	58
CONSIDERAÇÕES FINAIS	63
REFERÊNCIAS.....	65

INTRODUÇÃO

Muito ainda se discute sobre o “Mal do Século” nos discursos literário e médico, no período que compreende ao Romantismo oitocentista: os amores impossíveis, a mulher idealizada e a temível tuberculose. Os poetas, muitas vezes acometidos desta (até então) incurável doença, imprimiam em seus versos toda a languidão e fantasia existentes em seu ser, pois, enclausurados do mundo – e da vida – tinham na escrita uma forma de expurgar, mesmo que momentaneamente, o fardo de suas moléstias e, assim, conectar-se com a realidade idealizada. Não obstante, temos no século XXI um cenário similar.

É certo que os tempos são outros: as relações socioeconômicas, políticas, científicas e médicas se modernizaram, apropriando-se de tecnologias e técnicas que propiciaram uma melhor e maior qualidade/expectativa de vida para os sujeitos sociais. Em contrapartida, ao contemplar a construção social contemporânea, indagamos: será que as sociedades se modernizaram a tal ponto que pudessem, realmente, excluir toda e qualquer ameaça, estabelecendo, assim, a felicidade e o progresso propostos inicialmente pelo Iluminismo, até os dias atuais? Será que, mesmo diante de tanto desenvolvimento, ainda compartilhamos de algum “Mal do Século”? São questões complexas como estas que movem as grandes discussões entre os diversos campos do saber e pensadores contemporâneos.

Vivemos numa sociedade cada vez mais globalizada, industrial, virtual e instantânea, em que as exigências de produtividade sobre os sujeitos são colocadas no topo da pirâmide social. Paradoxalmente, enquanto contemplamos um grande desenvolvimento das ciências, da indústria e das mídias virtuais, a educação emocional, em contrapartida, ainda permanece num território mistificado, em meio a tabus e lacunas (CURY, 2015). Este cenário, por sua vez, incide na qualidade e na quantidade de produção do sujeito social no tocante a máquina capitalista vigente. Ora, se considerarmos que a cultura exerce um importante papel na formação psíquica do indivíduo (através de um conjunto de práticas, ideologias e costumes) (DALGALARRONDO, 2015), certamente, a sucumbência psicológica e física dos sujeitos às múltiplas pressões e exigências impostas pelo Capitalismo – bem como à impossibilidade de administração das enxurradas de informação decorrente das mídias, principalmente, virtuais –, será o resultado do tratamento trivial do âmbito emocional.

Aprofundando tais discussões, é oportuno trazer à luz alguns apontamentos feitos pela Organização Mundial da Saúde (2002), que destaca que o desenvolvimento e a evolução das perturbações mentais e comportamentais se devem não somente aos fatores genéticos, mas também (e mutuamente) a fatores ambientais, o que significa dizer que indivíduos que vivenciam, constantemente, estados afetivos como a tristeza, a angústia e o estresse – sentimentos comuns ao cotidiano acelerado da contemporaneidade – tendem a ter o funcionamento físico e mental afetados, pois estas situações provocam no organismo uma série de mudanças no funcionamento do sistema endócrino e imunitário (OMS, 2002), deixando o indivíduo cada vez mais fragilizado e suscetível a uma infinidade de doenças. No campo psicológico, especificamente, os sujeitos tornam-se cada vez mais suscetíveis a desenvolverem algum tipo de transtorno psíquico (depressão, esquizofrenia e ansiedade, por exemplo) como consequência a este cenário de excessos (estresse, pressão, enxurrada de informações mal administradas, desgaste físico) (HOLLANDER; SIMEON, 2004 *apud* DALGALARRONDO, 2008, p. 305), estando estas classificadas como as patologias psiquiátricas que mais incapacitam a população. O transtorno de ansiedade, por sua vez, tem alcançado um crescimento vertiginoso em relação às demais (OMS, 2002).

Como consequência desse cenário, a fragmentação da relação social reflete diretamente nas formações discursivas cotidianas – isto é, “ao que se pode dizer somente em determinada época e espaço social, ao que tem lugar e realização a partir de condições de produção específicas, historicamente definidas” (FERNANDES, 2005, p. 46) –, suscitando discursos engendrados por “transtornos psicológicos”. Partindo disto, é pertinente voltar o olhar para os discursos que envolvem as emoções, mais especificamente a ansiedade enquanto uma patologia dos tempos hodiernos.

Segundo Freud (1935), Silva (2011) e Bauman (2008), a ansiedade enquanto um sentimento é inerente ao ser humano. Ela representa o resquício de um instinto primitivo sadio, pois foi a partir deste que as espécies puderam perpetuar seus genes através da ânsia de proteção, do estar constantemente alerta ao perigo. Hoje, considerando que os riscos que rondavam os homens primitivos foram dissipados quase em sua totalidade, a ansiedade permite que os sujeitos se preocupem antecipadamente para as atividades e as situações do dia a dia. Porém, quando o estado de preocupação e de medo excedem os níveis considerados “normais” de

saúde, tornam-se constantes e dominam a vida do sujeito, esta passa a ser enquadrada a um transtorno psicológico, de acordo com os saberes clínicos.

Estudos atuais apontam que, “nos grandes centros urbanos, uma em cada três pessoas sofre de ansiedade” patológica (BORGES; JULIÁN, 2017, p. 13). Desta estimativa, 9,3% são compostos por brasileiros, sendo considerada a maior taxa de casos confirmados a nível mundial, de acordo com a World Health Organization (WHO, 2017). Desta forma, é possível compreender, fundamentando-se nas estatísticas mundiais da saúde e nas discussões acima tecidas, que o mal deste século, certamente, é o excesso de informação, de instantaneidade e de exigências de produção e de si: vivemos na Era da Ansiedade (COURTINE, 2016; CURY, 2015). Logo, é possível identificar os traços desta “Era Ansiosa” que engendram os discursos contemporâneos (COURTINE, 2016).

Como reflexo a esse contexto social e “psiquiátrico”, diversas práticas discursivas cotidianas imprimem aos enunciados sobre ansiedade que circundam os sujeitos discursivos, desde os mais simples sintomas e comportamentos comuns ao transtorno, até, num sentido mais amplo, as tensões do cenário político e socioeconômico de um país. Isto ocorre porque as reverberações deste transtorno, na sociedade, se entremeiam nos jogos de poder do discurso, uma vez que o discurso está ligado ativa e diretamente as práticas sócio-históricas e políticas (FOUCAULT, 2014). Partindo disto e, considerando que as redes sociais digitais (*Instagram, Facebook, Twitter, Whatsapp*) monopolizam as materialidades discursivas atuais e corroboram para a constituição do sujeito contemporâneo, é possível identificar, cada vez mais, enunciados do transtorno de ansiedade nestes espaços.

Isto posto, observa-se que nas materialidades das redes sociais, há uma crescente aparição de perfis que tematizam as dinâmicas do transtorno de ansiedade em suas postagens. Em alguns perfis da rede social *Instagram*, particularmente, é possível identificar textos de cunho poético engendrados por discursos “ansiosos”, imprimindo na materialidade verbo-visual os sintomas do próprio transtorno, com intensidades variáveis: o medo, a síndrome do pensamento acelerado, a angústia, a paralisia, as grandes expectativas no futuro, entre outros. Nestas, os administradores sofrem com transtorno de ansiedade e utilizam este espaço para expurgar os sentimentos que causam o sofrimento psíquico (analogamente aos poetas românticos) através da escrita terapêutica: um

instrumento medicalizador indicado por profissionais da área da saúde mental para o tratamento de alguns traumas e transtornos, a exemplo da ansiedade.

Logo, é notória a transformação das funções primárias da rede social *Instagram*. Contempla-se, portanto, a mutação de sua configuração/atuação inicial (enquanto um simples ambiente virtual de entretenimento e comunicação), para um agente constituído, constantemente, de contornos biopolíticos e medicalizadores. Ao despertar para tal cenário, questionou-se, então: como está se constituindo e organizando o dispositivo midiático *Instagram* enquanto um instrumento medicalizador nas redes sociais? Além disso, como se dão os respectivos modos de subjetivação do sujeito ansioso?

Assim, considerando que, para Foucault, cada época tem o seu discurso (MILANEZ, 2015) e que não há discurso sem *pathos* – retomando Aristóteles – (COURTINE, 2016, p. 19), o referido estudo objetivou investigar a atuação do *Instagram* enquanto um dispositivo medicalizador para o corpo ansioso nas redes sociais, uma vez que este se configura como um fenômeno que se prolifera e se intensifica cada vez mais nos ambientes virtuais, de modo a modular subjetividades. Para tanto, buscou-se: (a) analisar a emergência dos discursos sobre a ansiedade em páginas de perfis no *Instagram* (b) observar as práticas de governamentalidade relativas ao corpo ansioso sob sua ótica medicalizadora, tomando como base os instrumentos e documentos normalizadores da área médico-psiquiátrica; e (c) compreender os modos de subjetivação emergentes do processo de atuação do o *Instagram* para o sujeito ansioso.

Mediante o caráter inédito desta pesquisa adotamos como metodologia a pesquisa exploratória-descritiva de *corpus*, isto é, exploratória pela necessidade de “proporcionar [uma] visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato” (GIL, 2008, p. 27); e descritiva pela urgência em caracterizar a atuação prática dos dispositivos sobre os sujeitos ansiosos nos ambientes virtuais (GIL, 2008). Quanto à natureza das análises, estas foram construídas sob a esfera qualitativa das interpretações, uma vez que “envolve a redução dos dados, a sua categorização, sua interpretação e a redação do relatório” (PADAROV; FREITAS, 2013, p. 113)

Partindo de tais proposições, foi selecionado oito *posts* (que versam entre materialidades imagético-verbais e legendas) extraídos dos perfis @akapoeta, @matheusrocha e @paratodososloucosdomundo, no *Instagram*, tendo a escolha destas páginas justificada pela abordagem poética do próprio transtorno de

ansiedade como temática central, imbricados de contornos biopolíticos em suas materialidades discursivas. Portanto, aderiu-se, impreterivelmente, como critério de coleta a abordagem majoritária do referido transtorno nas postagens das páginas supracitadas, considerando os diferentes ângulos de observação, intensidade e materialidades verbo-imagética. Assim, optamos por subdividir esta investigação em três capítulos fundamentais.

O capítulo I, intitulado por “*Discurso, mídias digitais e dinâmicas dos dispositivos: uma perspectiva da Análise do Discurso*” apresenta, primeiramente, uma retrospectiva teórica da Análise do Discurso além de tecer discussões, nos subtópicos seguintes, acerca da constituição e circulação/atuação dos discursos midiáticos, envolvendo o funcionamento dos dispositivos. Já no capítulo II, “*Biopolítica, Corpo e Transtorno de ansiedade: uma arqueogenealogia dos discursos da ansiedade na contemporaneidade*”, inicialmente, discutimos sobre as práticas de medicalização e governamentalidade próprias da biopolítica. Posteriormente, constrói-se uma arqueogenealogia do medo e do corpo ansioso.

O capítulo III, por sua vez, intitulado por “*A governamentalidade do sujeito ansioso no Instagram: práticas de medicalização por meio dos posts poéticos*” encontra-se subdividido em três subtópicos de análise: primeiro, tecemos relações entre a emergência dos discursos de ansiedade na sociedade e a expansão das redes de compartilhamento, com foco nos contornos biopolíticos e midiáticos do dispositivo *Instagram* enquanto um agente medicalizador. Posteriormente, busca-se compreender as práticas de governamentalidade para o corpo ansioso nestas redes, e, por último, explora-se os modos de subjetivação consequentes ao processo de atuação do referido dispositivo sob o prisma medicalizador para o corpo ansioso, por meio da materialidade do *corpus* coletado na referida rede social.

Como reflexo as discussões acima delineadas, este estudo poderá contribuir para a construção de um arcabouço teórico para futuras investigações no que concerne aos discursos que envolvem o corpo ansioso, tendo em vista que há poucos estudos na área da Análise do Discurso de linha Francesa. Além do mais, também pode servir de aporte para futuras investigações no âmbito da medicina envolvendo tal temática, tendo em vista que alguns órgãos da saúde aprovam o uso das mídias digitais na facilitação dos cuidados clínicos dos corpos psicologicamente debilitados.

CAPÍTULO I – DISCURSO, MÍDIAS DIGITAIS E DINÂMICAS DOS DISPOSITIVOS: UMA PERSPECTIVA DA ANÁLISE DO DISCURSO

1.1 A perspectiva teórica da Análise do Discurso de linha Francesa

A língua(gem) é um processo sociointerativo que envolve os sujeitos, a comunicação e o âmbito social (KOCH, 2014). O principal produto proveniente dessa relação é a produção de sentidos. Muitas são as áreas da linguagem que se interessam em compreender os processos de formação linguística, de modo a debruçar as suas investigações sobre os aspectos psicológicos (Psicolinguística), social (Sociolinguística), textual (Linguística Textual), entre tantas outras (GREGOLIN, 2003), mas, cabe à Análise do Discurso (AD) estudar a língua enquanto um agente constituidor e, ao mesmo tempo, constituído de ações sociais, considerando, também, as questões exteriores ao enunciado na formação do sentido. Deste modo, a AD:

Como o seu próprio nome indica, [...] trata do discurso. E a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando (ORLANDI, 2001, p. 15).

Em outras palavras, entende-se, pois, por discurso os efeitos de sentido provenientes dos sujeitos em interlocução engendrados por elementos sociais, ideológicos e históricos, e marcados (mas não fixos) no tempo e no espaço (FERNANDES, 2005). Assim, o discurso “implica uma exterioridade à língua, encontra-se no social e envolve questões de natureza não estritamente linguística. Referimo-nos a aspectos sociais e ideológicos impregnados nas palavras quando elas são pronunciadas” (FERNANDES, 2005, p. 12). Deste modo, a AD se propõe a estudar as constituições dos discursos, colocando como questão fundamental os sentidos e intentando compreender até que ponto os objetos de domínio simbólicos interferem no sentido (ORLANDI, 2001).

Historicamente, a AD surgiu na França, na década de 1960, num momento de efervescência no âmbito da Linguística, em que esta área, segundo Gregolin (2003), vivia uma crise “epistemológica”. Ao mesmo tempo, o estruturalismo ganhava mais espaço aos olhos das ciências da linguagem. Neste contexto, a partir das contribuições de Pêcheux, a AD adentrou no *hall* dos estudos linguísticos através da

negação ao modelo estruturalista saussureano de separação da *langue* (língua) e *parole* (fala), incorporando, então, o discurso como um novo objeto de análise.

Ao longo dos anos, a AD passou por algumas reconfigurações do arcabouço teórico, incorporando e revisando seus principais conceitos, podendo, portanto, ser sintetizado em três fases (FERNANDES, 2005): a primeira fase entendia o discurso como resultante de condições de produção estáveis e homogêneas, mais especificamente uma maquinaria discursiva bem fechada, composta por um conjunto de discursos produzidos em um determinado momento e local – delimitando determinados discursos, por exemplo, ao campo político e religioso. Nesta, “o sujeito foi tratado como assujeitado, mas com a ilusão de ser a fonte do discurso” (FERNANDES, 2005, p. 81); já na segunda fase começa a se a questionar a noção de maquinaria discursiva, irrompendo a ideia de formação discursiva, interdiscurso e pré-construído discursivo, baseada nas obras de Michael Foucault. O sujeito discursivo, por sua vez, ainda permanece como assujeitado; a terceira fase deixa por completo a ideia de maquinaria discursiva fechada, bem como a ideia de estabilidade, homogeneidade e neutralidade da sintaxe nos discursos. Em contrapartida, “a noção de enunciação passa a ser abordada e as reflexões sobre a heterogeneidade enunciativa levam à discussão sobre o discurso-outro” (FERNANDES, 2005, p. 83).

Em suma, como principais contribuintes tem-se: Althusser (releituras das teses de Marx), Foucault (conceitos de formação e memória discursiva, interdiscurso, práticas discursivas), Lacan (releituras de Freud envolvendo o inconsciente e sua estrutura linguística) e Bakhtin (dialogismo da linguagem) (GREGOLIN, 2003). As bases epistemológicas partem, portanto, do entrecruzamento do materialismo histórico, linguístico e da teoria do discurso, sendo perpassadas por uma teoria subjetiva de ordem psicanalítica que traz o inconsciente para o interior de suas discussões (FERNANDES, 2005). Assim, para o campo do discurso:

a. a língua tem sua ordem própria mas só é relativamente autônoma (distinguindo-se da linguística, ela reintroduz a noção de sujeito e de situação na análise da linguagem); b. a história tem seu real afetado pelo simbólico (os fatos reclamam sentidos); c. o sujeito de linguagem é descentrado pois é afetado pelo real da língua e também pelo real da história, não tendo o controle sobre o modo com elas o afetam. Isso redundava em dizer que o sujeito discursivo funciona pelo inconsciente e pela ideologia. (ORLANDI, 2001, p. 19-20)

Logo, denota-se que História, Língua, Ideologia são indissociáveis à constituição do discurso. Além disso, é possível afirmar que há uma série de condições necessárias para a sua formação que envolvem fatores sócio históricos e situacionais que influenciam diretamente os sujeitos discursivos, seja através do contexto imediato (a situação), seja nos contextos sociais, históricos e ideológicos mais amplos da/na sociedade. Os discursos, desta forma, podem ser constituídos por *já-ditos* – vozes que retomam memórias discursivas dispersas no meio social, aparentemente esquecidas, e que “ressurgem” sob a forma de pré-construídos¹ –, bem como os *ditos*. A este intercruzamento discursivo a Análise do Discurso denomina de interdiscurso, que estaria, consoante com Courtine (*apud* ORLANDI, 2001, p. 32-33), num eixo vertical da produção discursiva, enquanto que, no eixo horizontal, estariam as formulações situacionais do intradiscurso, ou seja, aquilo que é dito naquele momento. Porém, levando em consideração a relação direta entre as construções textuais e discursivas, é importante não confundir os conceitos de intertexto e interdiscurso (ORLANDI, 2001).

Conforme Orlandi (2001, p. 33-34), “o interdiscurso é todo o conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos”, enquanto que o intertexto “restringe-se à relação de um texto com outros textos. Nessa relação, [...] o conhecimento não é estruturante”. Portanto, desde que nascem os sujeitos são construídos por discursos já existentes e aparentemente esquecidos no meio sócio histórico, que afetam na formação identitária. É por esse motivo que a AD denomina os *já-ditos*, ou seja, os esquecimentos, como elementos estruturantes e constituintes dos sujeitos e dos sentidos. Segundo Pêcheux (1975 *apud* ORLANDI, 2001), pode-se identificar dois tipos de esquecimento no discurso: o ideológico e o da ordem da enunciação. O primeiro refere-se à ilusão do sujeito discursivo ser dono de determinado discurso, quando, na verdade, apenas reproduzimos inconscientemente discursos ideológicos já pré-construídos. O segundo, por sua vez, diz respeito à formação de inúmeras famílias parafrásticas dos discursos, ou seja, explica o porquê que, ao nos comunicarmos, falamos de uma maneira e não de outra, muito embora que esse dizer também poderia ser outro.

¹ Conceituado por Pêcheux, o pré-construído corresponde à inter-relação entre as formações discursivas, em que uma pode sofrer incorporações de elementos externos advindos de outras formações. (FERNANDES, 2005).

Isto posto, Orlandi (2001, p. 36-37) complementa que há uma dificuldade enorme em estabelecer diferenças na formação dos dizeres: se são iguais ou diferentes a outros. Por este motivo, a AD classifica os processos de construção do discurso em parafrásticos, “pelos quais [...] há sempre algo que se mantém, [...] a memória”, a matriz do sentido; e processos polissêmicos, uma vez que há o “deslocamento, ruptura de processos de significação”, a inovação. A partir desse jogo entre a paráfrase e a polissemia, os sujeitos e os sentidos movimentam e transformam-se constantemente, sendo, portanto, “a condição de existência” destes dois. E, a partir da ideia de mutação, os sujeitos, o sentido e o discurso não são completamente acabados.

Atualmente, em consequência da Era das tecnologias, da produção industrial em larga escala, da globalização, da comunicação instantânea e da multiplicidade das informações, conforme Courtine (2016, p. 16-19), o discurso e sua inserção na história, bem como os enunciados e a memória discursiva se apresentam de maneiras bem diferentes daquela visualizada nos primórdios da Análise do Discurso, uma vez que permaneceu-se “ligada a um mundo da escrita e do arquivo impresso, ao mundo de uma circulação mais lenta dos enunciados e a uma concepção mais estática da memória discursiva”.

Deste modo, em virtude da crescente digitalização e virtualidade das relações sócio-comunicativas, as discursividades contemporâneas são caracterizadas pela produção e circulação de discursos globais e líquidos; centrados e, ao mesmo tempo, dispersos; repletos de enunciados que podem ser instantaneamente perdidos ou inseridos numa “imensa massa documental”, com indefinidas materialidades físicas, temporais, extensão e profundidade espacial (COURTINE, 2016, p. 16-19). Assim, a relação dos meios de comunicação digital com a produção e circulação contemporânea dos diferentes discursos se dão de maneira intrínseca.

Partindo disto e, considerando que os estudos que envolvem a Análise do Discurso e as mídias visam à investigação das produções de sentido emergentes nos/dos diversos fenômenos sócio discursivos, é oportuno discutir sobre o papel dos dispositivos midiáticos na sociedade atual (GREGOLIN, 2007).

1.2 Discurso, dispositivo e mídias: os jogos de saber-poder-subjetividade nos discursos midiáticos virtuais

Para Charaudeau (2013, p. 15), as mídias são uma espécie de “suporte organizacional” da modernidade que engloba as noções de informação e comunicação, de modo a apresentar-se sob diversos prismas de compreensão, sejam eles econômicos, tecnológicos, simbólicos e entre tantos outros. Por permitir a incorporação e disseminação dos discursos de diversos âmbitos, alcançando uma grande visibilidade e desenvoltura nos espaços públicos, as mídias acabam por se tornar o objeto de maior interesse e importância nas relações sociais contemporâneas. Assim, a partir dela é possível compreender a “maneira pela qual os indivíduos regulam as trocas sociais, constroem as representações dos valores que subjazem a suas práticas, criando e manipulando signos e, por conseguinte, produzindo sentido” (CHARAUDEAU, 2013, p. 16).

Além disso, com a crescente democratização do acesso à internet e aos dispositivos móveis, a visibilidade e a desenvoltura da mídia, no âmbito virtual, ganham alcances cada vez maiores na sociedade, ao passo que propicia a circulação mais abrangente e instantânea dos discursos nos espaços sociais/digitais. Convém, então, aprofundar as discussões sobre esta crescente virtualidade: conforme Lévy (2011), o processo que propicia o contato/deslocamento entre as instâncias do real para o meio digital é nomeada de virtualização. Etimologicamente, o termo “virtual” vem do latim medieval *virtus*, que significa força, potência. Porém, de modo equivocado costuma-se compreender os termos “real” e “virtual” dicotomicamente, como se estas se organizassem mediante um confronto entre a “realidade” e a “ilusão”, o “existente” e o “inexistente”.

Em verdade, o virtual nada mais é que uma própria extensão do real. Isto é, trazendo do campo semântico para o pragmático, este é um elemento não palpável que transcende a materialidade do “real”, uma força que representa e descreve o cotidiano analogamente a um espelho (NAVARRO, 2010; LÉVY, 2011). Partindo desta interpretação, pode-se observar duas formas do real: aquela representada pela materialidade do cotidiano e a representada pela transcendência desta materialidade e arquivadas em plataformas fantasmagóricas, desterritorializadas das mídias virtuais. Assim, “a virtualização não é uma desrealização (a transformação de

uma realidade num conjunto de possíveis), mas uma mutação de identidade, um deslocamento do centro de gravidade ontológico do objeto considerado” (LÉVY, 2011, p. 17-18). Por oferecer, portanto, um intermédio entre o sujeito e a sua própria realidade de modo instantâneo, as mídias acabam por refletir as relações discursivas provenientes do âmbito social (CHARAUDEAU, 2013), permitindo que estes discursos transitem e exerçam relações de poder, regulamentem saberes e, assim, modulem subjetividades a partir da sua plataforma (GREGOLIN, 2007).

A partir disto e, considerando que a hegemonia proveniente das mídias vem crescendo exponencialmente, a sociedade midiática acaba por se tornar uma instituição de controle virtual contínuo e instantâneo, tanto do indivíduo quanto da população. Deste modo, “as novas tecnologias [...] (audiovisuais, internet, cartões de crédito etc.), empreendendo o deslocamento das relações de poder para o campo virtual, caracterizam a nova forma de poder: *a sociedade de controle*”: um governo caracterizado pela vigilância constante dos sujeitos, discursos e suas respectivas práticas (BARACUHY; PEREIRA, 2013, p. 326-328, grifo nosso). Esta sociedade, portanto, “desenvolve mecanismos cada vez mais democráticos, distribuídos pelos corpos (em sistemas de bem-estar, atividades monitoradas) e cérebros (em sistemas de comunicação, redes de informação) dos cidadãos” (SOUSA, 2012, p. 45-46), envolvendo e manipulando, sutilmente, os sujeitos sociais através da teia do poder midiático, sem que este se configure necessariamente como algo negativo.

Deste modo, por abarcar instâncias do poder, do saber e promover a subjetivação dos sujeitos, podemos denotar que o funcionamento das mídias se enquadram no que Foucault (2018) denominou de Dispositivo, podendo ser compreendido como:

Um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode tecer entre estes elementos (FOUCAULT, 2018, p. 244).

Ou seja, o dispositivo é a rede que interliga os elementos das práticas sociais, sendo engendradora de poderes e saberes, promovendo subjetividades (DELEUZE, 1996). Portanto, é constituído através das “práticas elas mesmas, atuando como aparelho, uma ferramenta, constituindo sujeito e os organizando” (DREYFUS;

RABINOW, 1995, p. 135 *apud* MARCELLO, 2004, p. 200). Assim, a formulação do conceito/atuação dos dispositivos deriva do termo “Positividade”, proposta primeiramente por Hyppolite, que significa “elemento histórico, com toda a sua carga de regras, ritos e instituições impostas aos indivíduos por um poder externo, mas que se torna, por assim dizer, interiorizada nos sistemas das crenças e dos sentimentos” (AGAMBEN, 2005, p. 10). Analogamente ao funcionamento do Dispositivo, a Positividade possuía a estratégia de coerção com o intuito de governar os sujeitos, tornando-os obedientes e adestrados (AGAMBEN, 2005).

Além do seu caráter heterogêneo, estratégico e subjetivador, os dispositivos estão sujeitos a mudanças de “rota”, ou seja, estão sempre abertos a novidades no próprio regime. Partindo disto, é oportuno focalizar as discussões quanto a sua constituição: a tríade “poder-saber-subjetividade” (DELEUZE, 1996):

a) O saber faz “nascer”, ou seja, faz, de certa forma, ver e ser visto/enunciável determinadas modalidades discursivas do dispositivo através das curvas de visibilidade e do regime de enunciação. Conforme Marcello (2004), entende-se por *curva de visibilidade* um sistema aberto de forças que possibilita a iluminação e a visibilidade do objeto sob o poder do próprio dispositivo, delineando as formas de ver e ser visto do mesmo, ou seja, sua função é torná-lo visível e enunciável de modo específico. Assim, pode-se dizer que este é a pintura e a arquitetura do objeto discursivo do dispositivo (DELEUZE, 1996). Já os *regimes de enunciação* (MARCELLO, 2004) são forças que tornam possíveis a “materialização”, a “construção” do objeto discursivo, ou seja, o “dizer” para determinada modalidade e, assim, justificam a construção de tais discursos e não outros pelo/no dispositivo:

São as múltiplas e proliferantes enunciações que efetivamente encontram condições de entrar na ordem do discurso, ou a possibilidade que elas enfrentam de ultrapassar ou mesmo de serem barradas pelas leis de interdição que tangem e definem os limites do discurso (MARCELLO, 2004, p. 202).

b) As *linhas de força*, ligadas ao âmbito do poder, trabalham estrategicamente na objetivação das práticas discursivas, ou seja, são “flechas que não cessam de penetrar as coisas e as palavras” (DELEUZE, 1996), regrado, delineando e especificando as práticas discursivas suscitadas pelas curvas de visibilidade e os regimes de enunciabilidade.

Para Marcello (2004), estas linhas (re)produzem e agem constante e heterogeneamente por sobre todos os pontos. São essas linhas, munidas de poder, que agem de forma hegemônica e múltipla por sobre o objeto, ao passo que exerce influências capazes de torná-lo heterogêneo e disperso, definindo, nomeando, divergindo e criando (novas) modalidades: o “sim e o não, o ser e o não ser, o possuir e o não possuir, o saber e o não saber, entre o mesmo e o outro”, conforme Larrosa e Skliar (2001, p. 12 *apud* MARCELLO, 2004, p. 205). De acordo com Marcello (2004), é justamente o jogo existente entre essas forças que permitem a criação de novos elementos e modalidades discursivas, pois, quando cria possibilidades de aplicação e manobra estratégicas, permite, também, emergir resistências ao poder. É a partir desta disputa que estes elementos, ao serem confrontados, podem se reorganizar e se reinventar, permanecendo num constante jogo de mobilidade.

As *Linhas de ruptura*, por sua vez, são resultantes aos jogos de poder decorrentes das linhas de força que suscitam resistências umas às outras:

Essa capacidade de transformação e rompimento está intimamente ligada aos desenhos traçados pelas linhas de subjetivação, na medida em que articuladas com/como pontos de resistência imanentes a todo e qualquer dispositivo – uma vez que configurado (também) a partir de relações de poder-saber. Nessa condição, são linhas que produzem novas configurações de saber-poder-subjetividade e, por isso, podem suscitar e antecipar um dispositivo futuro. Trata-se de práticas que indicam um conjunto de características ligadas ao caráter de imprevisibilidade do próprio dispositivo e àquilo que tange à sua condição de “acontecimento” (MARCELLO, 2004, p. 210).

Assim, a atuação destas duas instâncias, saber e poder, permitem constituir a objetividade do dispositivo, ou seja, contribuem para definir padrões e fazer com que sejam “faladas, especuladas, inseridas na sua forma mesma” (MARCELLO, 2004, p. 205). São estes elementos do(s) dispositivo(s) que influenciam a constituição das subjetividade do sujeito e, conseqüentemente, nas possíveis rupturas (ou não) do dispositivo.

c) A *Subjetividade* é um conjunto de flechas de jogos de poder e saber, isto é, um conjunto de ações que se inter cruzam e produzem formas singulares e não estáticas de identificação do sujeito, uma vez que “a diferença produz padrões, modelos, regras de como agir” (MARCELLO, 2004, p. 205), de modo que o sujeito se constitua e se reconheça a partir do olhar pra si. Logo, o processo de

subjetivação se dá pela luta travada consigo mesmo. Segundo Marcello (2004), através das “tecnologias do eu” ou “técnicas de si”, o sujeito se torna objeto da sua própria ação. Desta forma, embasando-se em Foucault (2008a), o sujeito com ajuda de si e dos outros se molda (corpo, alma, mente, conduta) em um processo constante para chegar a determinados resultados como, por exemplo, felicidade, sabedoria ou imortalidade.

Logo, aproximando tais afirmações aos discursos difundidos na e pela mídia, Gregolin (2007) afirma que:

Não há, nos discursos da mídia, apenas reprodução de modelos – ela também os reconstrói, reformata, propõe novas identidades. Ao mesmo tempo, há uma tensa relação entre a mídia e seus leitores: a subjetividade é fabricada e modelada no registro social, mas os indivíduos vivem essa subjetividade tensivamente, reapropriando-se dos componentes fabricados e produzindo a singularização, criando outras maneiras de ser. Se só houvesse submissão, não haveria produção de novos sentidos. (GREGOLIN, 2007, p. 23-24)

Partindo desta proposição e, adentrando mais especificamente no ambiente das redes sociais virtuais, podemos identificar diversas formas de subjetivação dos sujeitos, seja, por exemplo, a partir das dicas de moda e *fitness* das famosas *digital influencer’s*, das páginas engendradas por ideologias políticas e culturais, dos *posts* que refletem os contornos somáticos de determinada sociedade, entre tantas outras, todas dispostas e dispersas no ambiente virtual, revelando e/ou promovendo a singularização dos corpos.

Isto posto, concordamos com Luz, Caiado e Fonte (2017, p. 142) quando afirmam que as redes sociais são “uma teia em que os laços sociais são conectados, formando uma rede comunicativa, dinâmica e interativa com o intuito de compartilhar valores, hábitos, costumes, interesses, ideologias entre os sujeitos”, pois, assim como em qualquer outra mídia, as redes sociais (*Instagram, Facebook, Twitter*) também são espaços de desterritorialização da realidade legitimada através dos discursos, ou seja, estas também se organizam em volta de atores, estruturas e ideologias que envolvem o universo dos sujeitos, de modo que “a construção de si é realizada por meio do processo comunicativo, via extensão tecnológica, na esfera digital”, seja em tempo real ou não (LUZ; CAIADO; FONTE, 2017, p. 142).

Segundo os autores, o *Instagram*, por exemplo, possui uma organização estético-comunicativa que se apoia em discursos imagéticos, isto é, a circulação dos

conteúdos se dá sob a forma de imagens e vídeos, abrindo espaço, também, para ferramentas de edição que permitem a presença de materialidades verbais. A função e atuação do sujeito digital nesta plataforma, por sua vez:

É ser um autor-leitor que se utiliza dos elementos semióticos para produzir discursos na rede, num processo partilhado de coautoria, pois a cada novo comentário dos *Instagramers*, novos sentidos são comungados. [...] Sentidos que, como sabemos, podem ser infinitos, graças ao aspecto atemporal (podemos buscar a informação em qualquer momento) e ubíquo (a informação está presente em vários espaços ao mesmo tempo) do meio onde circula o discurso. [...] Podemos de certa maneira afirmar que há em cada *Instagramer* um sujeito com senso estético criador de discursos imagéticos que observa a imagem, não como representação do real em si, mas como construção de possíveis realidades, uma vez que há possíveis ações do homem no meio social concreto. [...] A imagem postada torna-se sua assinatura digital, sua marca, seu estilo. (LUZ; CAIADO; FONTE, 2017, p. 143-144)

Desta forma, esta estética “rompe com os padrões clássicos do discurso imagético [...] onde o discurso visual e individual corrobora para a constituição de um *ethos* imagético coletivo dos sujeitos digitais que participam da rede” (LUZ; CAIADO; FONTE, 2017, p. 142), considerando que “instalam-se representações, forjam-se diretrizes que orientam a criação simbólica da identidade” (GREGOLIN, 2007, p. 18). O corpo nestes ambientes, por sua vez, adquire materialidades virtuais por intermédio da imagem, concorrendo com a materialidade do corpo físico “real” e é através dessa materialidade virtual do corpo que o sujeito exterioriza a sua própria identidade (LÉVY, 2011; ORTEGA, 2008). Assim, a medida que os dispositivos midiáticos ganham espaço na sociedade atual, também o poder produzido por estas instituições conseguem abarcar e controlar cada vez mais os sujeitos, disciplinando/moldando seus corpos.

Partindo disto, observa-se que nas materialidades do *Instagram* há uma crescente aparição de perfis que tratam dos transtornos de ansiedade a partir de um olhar poético, empático e medicalizador, definido, assim, modulações para o corpo ansioso. Em virtude disto, convém aprofundar as discussões sobre a corporeidade no capítulo seguinte, de modo a envolver as considerações sobre biopolítica, medicalização e governamentalidade do corpo ansioso.

CAPÍTULO II – BIOPOLÍTICA, CORPO E TRANSTORNO DE ANSIEDADE: UMA ARQUEOGENEALOGIA DOS DISCURSOS DA ANSIEDADE NA CONTEMPORANEIDADE

2.1 Biopolítica, Medicalização e Governamentalidade: as modulações da corporeidade em foco

Em seu livro *História da sexualidade I: a vontade de saber*, publicado em 1976, Foucault afirma que, por volta do final do século XVII e início do XVIII, na Europa, instaurou-se um comando social que regulamentava o comportamento dos sujeitos através de instituições e sistemas de segurança (a prisão, o hospital, a fábrica, por exemplo), com o intuito de assegurar a obediência dos corpos ao poder soberano: a sociedade disciplinar (SOUSA, 2012). Em contrapartida, no século XIX, este poder viu-se fadado ao declínio após os primeiros raios da industrialização, por não poder mais lidar com as transformações sociais que emergiram em consequência a este fenômeno: explosão demográfica, problema com a urbanização e outros conflitos (CAPONI, 2013).

Como consequência a este cenário de desenvolvimento urbano, assistiu-se a um aumento alarmante de doenças provocadas pela má estrutura sanitária. A Medicina, então, foi convocada para intervir socialmente como uma estratégia político-médica, que partiu do Estado, a fim de controlar os surtos patogênicos que assolavam a população. A partir deste momento, contemplou-se a passagem da sociedade disciplinar para a de controle, onde o Estado assumiu a responsabilidade de administração da vida dos sujeitos, intencionando torná-los mais produtivos para a máquina capitalista (ZORZANELLI; CRUZ, 2018; HARDT, 2001; SOUSA, 2012).

Assim, são nestas sociedades de controle que a biopolítica se insere e atua. Esta, a biopolítica, pode ser conceituada como uma técnica de disciplinamento e governo, que intenciona a manutenção da vida “de acordo com a liberdade do sujeito”. Desta maneira, “trata-se do poder da vida e não sobre a vida” (BARACURY; PEREIRA, 2013, p. 319-322), produzindo e controlando, cérebros, corpos e comportamentos individuais (corpo-individual) e/ou coletivos (corpo-espécie), através de classificações, normatizações e adestramentos (DELEUZE, 1992 *apud* BARACURY; PEREIRA, 2013).

Partindo disto, compreendemos que o biopoder é a instância de poder proveniente da biopolítica, que intenciona a produção de sujeitos saudáveis, com

maior longevidade e, conseqüentemente, aptos a produzirem para a sociedade (BARACUHY; PEREIRA, 2013). Assim, “para a sociedade capitalista, a biopolítica é o que mais importa, o biológico, o somático, o físico” (HARDT, 2001, p. 46). Logo, ele produz e reproduz a própria vida: articulando, interpretando, absorvendo e regulando-a, obrigando o sujeito, de certa maneira, a seguir suas predicções (HARDT, 2001).

Deste modo, convém afirmar que essa forma de manutenção da vida exige o estabelecimento de instrumentos e técnicas que permitam o controle da população através dos registros e das estatísticas relacionadas as taxas de natalidade, de mortalidade, de expectativa e qualidade de vida, por exemplo, com intuito de identificar os déficits e, a partir disto, desenvolver estratégias de intervenção (CAPONI, 2013). Assim, é a partir deste processo intervencionista que a medicalização se insere:

As instituições disciplinares e a biopolítica formam uma aliança útil no exercício da gestão da vida, que encontra, no fenômeno da medicalização, um lugar de ação, visto que a medicalização se caracteriza pela intervenção médica sobre o plano da vida dos sujeitos, exercendo um controle sobre a população e o indivíduo. (ZORZANELLI; CRUZ, 2018, p. 725-729)

Compreendida, portanto, como uma instância médica de intervenção e de controle restrito não somente ao campo da saúde, mas, também, propagado e requisitado nos âmbitos social, moral, político, científico etc., a medicalização envolve todos os aspectos da vida, de modo a englobar/aplicar modulações específicas sobre os corpos (ZORZANELLI; CRUZ, 2018). Contemporaneamente, essa espécie de “monopólio” do poder médico sobre todas as camadas sociais, aliado aos avanços tecnológicos continuam provocando transformações discursivas no fazer clínico e, conseqüentemente, na forma de encarar os estados de saúde e de doença:

O que se pode testemunhar é o aumento de vitalidade produzida pela reformulação biológica em nível molecular, que abre um novo campo biopolítico. Estamos frente a um fenômeno ideológico que coloca a saúde como um ideal de prosperidade na sociedade contemporânea, em que os mínimos riscos de adoecer devem ser eliminados em nome do bem-estar e, portanto, a saúde deve ser uma busca constante ainda que não se tenha adoecido. Estamos diante do acirramento de novas modulações da saúde perfeita. (ZORZANELLI; CRUZ, 2018, p. 227)

Nota-se, portanto, que essa ânsia por diagnósticos e intervenções cada vez mais precoces marcam uma nova fase da medicalização social: a partir das “modulações da saúde perfeita” atuais, denominada de biomedicalização, busca-se ampliar a gama das classificações, de modo a tentar identificar a maior parte das enfermidades desde o seu princípio (antes que se tornem crônicas) para medicalizar estes corpos o quanto antes (CAPONI, 2013; ZORZANELLI; CRUZ, 2018).

Mediante este cenário, segundo Ortega (2008), emerge uma espécie de (re)configuração da biopolítica clássica, que se estrutura através do discurso do risco: a biossociabilidade. Nesta, portanto, criam-se novos critérios de corpo e desempenho físico, em que “todas as atividades sociais, lúdicas, religiosas, esportivas, sexuais são resignificadas como práticas de saúde” (ORTEGA, 2008, p. 31). Assim, segundo o autor, a prática desta biopolítica contemporânea é socialmente difundida através da cultura do *Healthism*: um substantivo cujo significado está ligado ao processo de cura, de saúde, ou seja, de medicalização da sociedade. Nesta, a construção da (bio)identidade² é marcada pelas práticas de governamentalidade, isto é, o autogoverno: uma consciência/ação reflexiva do sujeito sobre o gerenciamento de si através de uma perícia constante, baseada em práticas de bioascese³, como, por exemplo, manuais, fitness, terapias, entre outros (FOUCAULT, 2008b; ORTEGA, 2008).

Em contrapartida, para que o indivíduo abstraia estas prerrogativas, faz-se necessário que ele também interiorize o discurso do risco, em que:

O corpo e o *self* são modelados pelo olhar censurador do outro que leva à introjeção da retórica do risco, resultando na constituição de um indivíduo responsável, que orienta suas escolhas comportamentais e estilos de vida para a procura da saúde e do corpo perfeito e o afastamento dos riscos. (ORTEGA, 2008, p. 33)

O corpo, então, é a peça central em que esse poder exerce seu controle. Porém, sistematizar conceitos e definições por sobre a corporeidade, engendrada

² Termo cunhado por Ortega (2008).

³ O ascetismo é um fenômeno que opera a formação e a transformação cultural. Conforme Geoffrey Harphan (1987 *apud* ORTEGA, 2008, p. 19), o ascetismo é o “elemento cultural na cultura”, sendo “compreensível nas formas, motivos, contextos e comportamentos específicos”. Em outras palavras, são as práticas ascéticas que direcionam e predefinem a cultura, além de oferecer, aos sujeitos/subjectividades, brechas para a resistência aos dispositivos, constituindo sua identidade de maneira autônoma, ativa. Da mesma forma, as práticas bioascéticas se caracterizam pela reconfiguração das antigas ascetes, sendo, agora, voltadas às biossociabilidades, com modulações centradas nos ideais de saúde perfeita.

inicialmente nas obras de Foucault, não é uma tarefa tão simples. Isto porque, para ele, o corpo configura-se tanto como invólucro quanto uma superfície moldável, transformável por técnicas disciplinares em que “são impostas proibições e obrigações dos sujeitos, tornando-o alvo de controle exercido cotidianamente na vida dos sujeitos” (BARACUHY; PEREIRA, 2013, p. 318). Partindo disto, Ortega (2008, p. 37) complementa sobre as biossociabilidades e o discurso do risco: “de fato, ganhamos mais autonomia, mas amiúde é a autonomia para nos vigiarmos, a autonomia e a liberdade de nos tornarmos peritos, experts de nós mesmos, da nossa saúde, do nosso corpo”. Assim, envolvendo as teorias propostas por Foucault e Ortega, o corpo das ascetes seria o corpo da própria disciplina. (ORTEGA, 2008).

Na contemporaneidade, “a aparência do corpo tornou-se central às noções de auto-identidade” (ORTEGA, 2008, p. 42), sendo este de suma importância para as experiências do *self*, ou seja, do Eu, fazendo com que, também, a sua subjetividade seja corporificada. O corpo, portanto, se torna uma espécie de propriedade biológica e simbólica em que o sonho, a utopia encontram lugar para se estabelecer, demarcar e caracterizar o sujeito. Porém, esta configuração atual de encarar o corpo leva a uma rejeição de continuidade do próprio corpo em consequência da supervalorização da corporeidade. Isto é, segundo o autor, só se aceita o corpo em transformação objetivando atingir uma referência de corpo perfeito, podendo ser ilustrado com o crescente uso de ferramentas digitais para modificação de fotos, uso de cirurgias estéticas, tatuagens, entre outros (ORTEGA, 2008). Assim, “as ideologias de saúde do corpo perfeito nos levam a contemplar doenças que retorcem a figura humana como sendo sinônimo de fracasso pessoal” (ORTEGA, 2008, p. 35).

Considerando, então, que a vida, o corpo e as patologias são analisadas e classificadas pela medicina e pelas ciências biológicas através da ideia de norma (CAPONI, 2013), é oportuno afirmar que:

O normal define os valores de referência, as médias e as variações admissíveis para um determinado fenômeno biológico (seja a taxa de colesterol ou de suicídio), estabelecidas a partir dos valores estatisticamente mais frequentes. Por outro lado, trata-se de um conceito valorativo e normativo que define aquilo que deve ser considerado desejável em determinado momento e em determinada sociedade. (CAPONI, 2013, p. 103)

Os dispositivos normalizadores moldam os corpos à norma através da “*exibição do seu contrário*, de apresentação da sua imagem invertida” (BENNETT, 1998 *apud* COURTINE 2013, p. 123, grifos do autor) sem a necessidade de meios coercitivos, ou seja, da conscientização de si através da visualização do outro, cuja figura apresenta-se chocante, anormal. Para ilustrar tal proposição, Courtine (2013) aponta que a imagem de um cadáver no necrotério é capaz de suscitar/reforçar o medo da violência. Isto é, um corpo que, mesmo morto, ainda é capaz de disseminar signos de alerta aos sujeitos por meio de uma pedagogia de massa calcada no espetáculo.

Atualmente, observa-se uma reconfiguração dos processos normalizadores. Estes, segundo Ortega (2008), baseiam-se nos ideais de biossociabilidade e medicalização, tendo, nas singularidades somáticas, novas maneiras de existir, ou seja, os desvios que, antigamente, seriam enquadrados nas anormalidades (deficiências, transtornos neurológicos e demais singularidades), hoje, se caracterizam como novas possibilidades de construção das identidades dos sujeitos, manifestadas através do próprio somático. Além disso, observa-se, também, uma reconfiguração na forma de encarar o corpo: nas bioidentidades somáticas, a corporeidade não é mais tida como uma dicotomia que versa entre o físico e a alma, o físico e a mente, o externo e o interno. Considerando-o como um objeto fenomenológico, o corpo é, portanto, um conjunto indissociável entre o *self* (eu) e o físico, que sofre e realiza ações do/no próprio ambiente. Como consequência, esta nova forma de ver o corpo acaba por considerar, também, a manifestação do psiquismo como elemento constituinte da subjetividade dos sujeitos (ORTEGA, 2008).

Partindo, então, desta concepção de corpo físico e psíquico “universal”, vale adentrar, no subtópico seguinte, nas discussões que envolvem as modulações do corpo psicológico consequentes as práticas sociopolíticas contemporâneas.

2.2 Capitalismo, imperativo da felicidade e adoecimento mental: uma arqueogenealogia das emoções contemporâneas

A felicidade do homem, na biopolítica contemporânea, é um elemento indispensável ao progresso social. Isto porque é através desta que o

desenvolvimento, a produção, a sobrevivência e o fortalecimento do Estado se tornam possíveis. Partindo disto, podemos afirmar que o ideal de felicidade não se restringe apenas a definição de “bem-estar” e “realização” pessoal em si, mas, também, sinaliza a eficiência de produção da máquina capitalista, uma vez que “produzir” sujeitos saudáveis e felizes simboliza mais rendimento a esse sistema (ZORZANELLI; CRUZ, 2018; HARDT, 2001). Curiosamente, esse ideal de felicidade, ao contrário do que possamos imaginar, não surgiu exclusivamente na contemporaneidade. Ele começou a ser moldado e disseminado na Europa, a partir dos séculos XVII e XVIII, com a ascensão do Iluminismo.

Como visto no subtópico anterior, visualizava-se, no continente europeu, uma série de transformações sociais, políticas e culturais decorrentes à Revolução Industrial que culminou nos processos de medicalização da sociedade. Nesse contexto, o Iluminismo emergiu como um movimento sociocultural e político, cujos princípios centravam-se nos ideais de felicidade, liberdade e progresso. Para tanto, propunham dominar as questões naturais e sociais, de modo a extinguir todos os perigos que pudessem ameaçar o homem – os predadores, os terrores da fome, das pestes, da violência e a repressão das guerras, das conquistas coloniais, etc. (BAUMAN, 2008; DELUMEAU, 2009), vivenciados desde os primórdios da humanidade e retidos na memória psicológica dos sujeitos (COURTINE, 2016).

Em reflexo, algumas promessas foram atingidas no que concerne ao progresso industrial, científico e médico, por exemplo – como podemos visualizar nos dias hodiernos –, e, junto deles, algumas destas ameaças foram extintas. Porém, em decorrência da obsessão por segurança, os ecos dos perigos não se dissiparam totalmente, deixando os sujeitos sempre em alerta (BAUMAN, 2008). Assim, estabeleceu-se o “medo do medo”, ou seja, um estado de alerta e defesa constante contra os possíveis ataques que pudessem pôr em risco a integridade dos sujeitos. Este ambiente, portanto, procriou situações de ansiedade (COURTINE, 2016).

Essa atmosfera de medo constante, por sua vez, perdura até os dias atuais. Podemos identificar tais proposições ao observar os discursos que circulam na sociedade: nestes, sente-se o medo da instabilidade sociopolítica e econômica de um país, o temor das ondas de violência, a angústia conseqüente à busca incessante por atingir uma exímia produtividade e eficiência para o mercado de trabalho e, ainda, conciliar a ditadura da saúde contemporânea, por exemplo.

Portanto, é baseando-se nesse cenário de incertezas e medos que Courtine (2016), Cury (2015) e Bauman (2008) afirmam que o século atual configura-se como a Era da ansiedade:

Um estado permanente de ansiedade individual e coletiva parece ter colonizado os espíritos e as sociedades ocidentais. Essa ansiedade [é] imprecisa, difusa, líquida, ou nebulosa [...] e contagiosa. Ela não conhece fronteiras e permanece presente mesmo na ausência de perigo imediato ou identificável (COURTINE, 2016, p. 22).

Portanto, esse cenário “líquido-moderno” do nosso século promete um ambiente engendrado por uma ansiedade perpétua, constantemente alerta e aflita (BAUMAN, 2008). Partindo, assim, do pressuposto de que o medo e a ansiedade são elementos indissociáveis – pois um alimenta o outro –, pode-se compreender que, em termos discursivos, a ansiedade nada mais é que uma “célula discursiva dormente, à espera de um objeto e de um agente [...] carregados de ameaças e de inimigos, quando as circunstâncias históricas reclamam-nas e quando tais narrativas voltam à tona” (COURTINE, 2016, p. 22-26).

Tendo, então, o medo como o seu principal impulsionador, convém, aqui, defini-lo: “inerente à nossa natureza, é uma defesa essencial, uma garantia contra os perigos, um reflexo indispensável que permite ao organismo escapar provisoriamente à morte” (DELUMEAU, 2009, p. 23-24). Partindo disto, Bauman (2008) divide-os em três tipos: os que atingem: a) o corpo e o organismo – que concerne a uma ameaça ao corpo-espécie de cunho físico e aos bens materiais; b) a durabilidade da ordem social – o ambiente proporciona meios que possam garantir a segurança ao corpo-social; c) degradação e exclusão social – ameaça contra a aceitação da identidade, raça, gênero, entre outros. Partindo disto, Bauman (2008) ainda complementa que, nesta Era da Ansiedade:

O Estado, por exemplo, tendo encontrado sua *raison d'être* e seu direito à obediência dos cidadãos na promessa de protegê-los das ameaças à existência, porém não mais capaz de cumpri-la (particularmente a promessa de defesa contra os perigos do segundo e terceiro tipos) – nem de reafirmá-la responsabilmente em vista da rápida globalização e dos mercados crescentemente extraterritoriais –, é obrigado a mudar a ênfase da “proteção contra o medo” dos perigos à segurança social para os perigos à segurança pessoal. O Estado então “rebaixa” a luta contra os medos para o domínio da “política de vida”, dirigida e administrada individualmente, ao mesmo tempo em que adquire o suprimento de armas de combate no mercado de consumo (BAUMAN, 2008, p. 10-11).

Isto é, há uma transformação da política de proteção da sociedade: antes, focalizada na extinção das causas do medo, hoje, propaga os discursos de manutenção da vida, da espécie, ganhando contornos biopolíticos através do governo de si e do outro ao normatizar a conduta dos sujeitos, numa sociedade de controle. É a partir disto que o ideal de felicidade materializa-se como o objeto almejado pela biopolítica. Mas, ironicamente, esta “ditadura da felicidade” atual exclui aqueles que, por algum motivo, não se encaixam nos “estereótipos saudáveis” socialmente construídos, seja no campo biológico e médico (o corpo magro, bonito e saudável físico e psicologicamente), ou em questões relacionadas a seguridade social, política, econômica, etc (THEISEN, 2015).

Imperando, portanto, os ideais de felicidade, produtividade e excelência, esta mesma sociedade capitalista, paradoxalmente, gera sujeitos cada vez mais insatisfeitos, ansiosos e menos produtivos para o mercado de trabalho. Apesar do grande progresso das áreas que compõem as suas bases (medicina, ciência, indústria, entre outras), aliado a uma prática constante de exigência sob os sujeitos quanto a sua produtividade, esse sistema, contraditoriamente, não assiste de forma adequada o campo da educação emocional, uma vez que deveria oferecer subsídios no trato psicológico para com os sujeitos. Assim, o cuidado com a saúde emocional tende a permanecer num território mistificado, cheio de tabus, propiciando a fragilização psicológica e, conseqüentemente, física destes (CURY, 2015).

Além do mais, as mídias, principalmente as digitais, possuem um grande grau de influência neste cenário de adoecimento. Por seu caráter instantâneo, múltiplo e intenso quanto a disposição e circulação das informações, são capazes de modular os sujeitos, tornando-os cada vez mais esgotados psicologicamente, uma vez que o funcionamento cerebral, em termos fisiológicos, não está adaptado para lidar e processar estas enxurradas de informações. Neste sentido, Cury (2015) explica que:

A humanidade tomou o caminho errado; estamos nos estressando rápida, intensa e globalmente na era dos computadores e da internet. Estamos levando a psique a um estado de falência coletiva e não percebemos o mal do século. Mesmo se o conteúdo for positivo, culto, interessante, o aceleração do pensamento por si só gera um desgaste cerebral intenso, produzindo a mais importante ansiedade dos tempos modernos, com a mais rica sintomatologia. Não precisamos ter tido uma infância doente para sermos adultos ansiosos; basta termos uma mente hiperacelerada, que adoeceremos. (CURY, 2015, p. 17-99)

Tais circunstâncias propiciam, então, o desenvolvimento de inúmeras psicopatologias, explicando o aumento alarmante dos diagnósticos de ansiedade patológica, depressão e demais transtornos nas estatísticas elaboradas por institutos da área da Saúde. Focalizando as atenções aos transtornos de ansiedade e, considerando que os discursos são produtos das práticas sócio-históricas e políticas de uma sociedade (FOUCAULT, 2014), podemos depreender que o contexto social e “psiquiátrico” contemporâneo imprime nas mais diversas práticas discursivas cotidianas os enunciados sobre ansiedade que circundam os sujeitos discursivos: desde os mais simples sintomas e comportamentos comuns ao transtorno, até, num sentido mais amplo, as tensões do cenário político socioeconômico de um país.

Assim como o amor, a raiva e a tristeza, a ansiedade é um sentimento natural ao ser humano, constituinte do corpo psicofisiológico dos sujeitos desde os primórdios da espécie. Esta pode, portanto, ser encarada como um vestígio de um instinto ancestral de defesa, na qual permitia a preparação prévia para as situações de perigo que rondavam os sujeitos primitivos. Consequentemente, este mecanismo possibilitou a espécie de perpetuar seus genes. Logo, a ansiedade pode ser entendida como um sentimento de “espera alerta” ao perigo iminente (FREUD, 1935; SILVA, 2011; BAUMAN, 2008). Considerando a atual organização sociopolítica e econômica das sociedades contemporâneas, a ansiedade permite que os sujeitos se preparem antecipadamente para as situações do dia a dia, como podemos observar a seguir: a) a ansiedade provocada por uma viagem permite que os sujeitos se programem com certa antecedência; b) a ânsia para se conquistar a casa própria ou qualquer outro bem material possibilita que os indivíduos organizem, previamente, suas finanças; c) o desejo ansioso de concluir um curso de graduação e/ou ser aprovado em um concurso motivam os estudos diários.

A partir destes breves exemplos, podemos perceber que a ansiedade é um sentimento/mecanismo de suma importância no cotidiano dos indivíduos. Em contrapartida, quando os seus níveis, no sujeito ultrapassam a normalidade, esta passa a ser enquadrada como um transtorno (FREUD, 1935; SILVA, 2011; DALGALARRONDO, 2008).

Segundo a 5ª edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V), os Transtornos Mentais são definidos como:

Uma síndrome caracterizada por perturbação clinicamente significativa na cognição, na regulação emocional ou no comportamento de um indivíduo que reflete uma disfunção nos processos psicológicos, biológicos ou de desenvolvimento subjacentes ao funcionamento mental. Transtornos mentais estão frequentemente associados a sofrimento ou incapacidade significativos que afetam atividades sociais, profissionais ou outras atividades importantes. (DSM-V, 2014, p. 20)

Em outras palavras, os transtornos concernem a modificações no comportamento do sujeito que atingem direta e negativamente o seu rendimento no cotidiano, seja no ambiente de trabalho, nos relacionamentos e/ou nas demais atividades sociais, de modo a causar sofrimento e incapacidade significativas. Sendo assim, os documentos e Instituições regulamentadoras da Saúde, como o DSM-V (2014) e a OMS (2002), classificam os transtornos no quadro das neuroses, uma vez que, apesar de influenciar diretamente no cotidiano do indivíduo, os transtornos não acarretam desvios de comportamento e nem estão ligados exclusivamente a falhas no trato fisiológico. Podemos, portanto, conceituar a neurose como “uma perturbação do contato inter-humano, uma perturbação nas relações com outrem, sem que, para explicá-la, se possa apelar exclusivamente a defeitos corporais, doenças corporais, psicoses, falhas constitucionais ou anomalias de caráter” (VAN DEN BERG, 1970, p. 237 *apud* DALGALARRONDO, 2008). Do mesmo modo se estrutura a dinâmica dos transtornos de ansiedade.

Inseridos, portanto, numa sociedade de controle cujos discursos se organizam em torno dos ideais biopolíticos de manutenção da vida, as instituições e os documentos normalizadores do Dispositivo da Saúde, como a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2002) e o Manual de Diagnósticos e Estatísticas da Saúde Mental (DSM-V, 2014), por exemplo, preocupam-se em desenvolver e aplicar instrumentos de intervenção que visem a medicalização destes corpos, recuperando-os para o reingresso na máquina capitalista (COSTA, 2015; CAPONI, 2013; MITJAVILA; MATHES, 2013). No caso dos transtornos de ansiedade, são comuns as prescrições de fármacos psicotrópicos da classe dos ansiolíticos. Em contrapartida, a OMS alerta que estes “fármacos visam os sintomas das doenças, e não as próprias doenças ou as suas causas. Não se destinam, portanto, a curar as doenças, mas, antes, a reduzir ou controlar os sintomas ou evitar recidivas” (OMS, 2002, p. 114). Para dar suporte, então, aos tratamentos, são indicadas psicoterapias que envolvam

o relaxamento do paciente, como a ioga, a meditação, a escrita terapêutica, a biblioterapia e outras atividades relacionadas.

Mediante as discussões acima tecidas e, considerando que a interação, produção de sentidos e medicalização dos sujeitos no ambiente virtual do *Instagram* ocorrem através da linguagem verbo-imagética (LUZ; CAIADO; FONTE, 2017), é interessante focalizar as discussões na escrita terapêutica. Esta forma de psicoterapia retoma a cartase aristotélica, pois permite que os pacientes, através da escrita dramática (seja ela literária ou não), internalize, assimile e confronte seus sentimentos de forma objetiva, para que, assim, possam extravasá-los através da escrita terapêutica. Assim, a escrita enquanto instrumento terapêutico adquire um caráter compensatório, aliviando os sintomas dos próprios pacientes, uma vez que o objeto de dor purifica-se, ou seja, se transforma em prazer (CALDIN, 2001; FIGUEIRAS; MARCELINO, 2008).

Estas práticas ao se inserirem nas tramas da mídia, mais precisamente nas redes sociais de compartilhamento, transformam-se numa espécie de dispositivo medicalizador para os corpos acometidos de algum transtorno psiquiátrico. Fundamentando tal proposição, a OMS (2002) afirma que:

Os diversos meios de comunicação de massas podem ser usados para fomentar atitudes e comportamentos mais positivos da comunidade para com pessoas com perturbações mentais. [...] A Internet é um poderoso instrumento para a comunicação e o acesso a informações sobre saúde mental. Ela tem vindo a ser usada cada vez mais como meio de informar e educar doentes, estudantes, profissionais de saúde, grupos de utentes, organizações não-governamentais e a população em geral sobre saúde mental; para promover encontros de ajuda mútua e grupos de discussão; e para proporcionar cuidados clínicos. (OMS, 2002, p. 170)

O uso das mídias digitais, portanto, são meios aprovados pelos órgãos que competem à saúde no que concernem à facilitação do acesso à informação sobre a saúde mental. Segundo o Costa (2015), a medicalização dos corpos na internet, atualmente, se constitui a partir de três importantes instâncias: terapias corporais fundamentadas na ideia do risco, nos discursos da autonomia e nas relações mediadas pela mídia. Nesse entremeio, emergem os *blogs*, os *sites* e perfis em redes sociais que focalizam a saúde dos corpos através das terapias.

Partindo disto, entendemos que a medicina vem ganhando cada vez mais espaço na sociedade contemporânea, debruçando suas ações e poderes por sobre

diversos âmbitos, processos e constituições sociais através do respaldo dos próprios discursos que o constitui. Diante disso,

Nas produções midiáticas, os indivíduos são permanentemente convocados a se autocontrolar diante principalmente dos inúmeros riscos vinculados aos estilos de vida e riscos médicos, constituindo, assim, o sujeito empreendedor de si e da própria saúde. A mídia é uma parte central da engrenagem de controle social através do medo e do risco, cotidianamente nos ensinando quais situações/práticas/pessoas/coisas devemos temer, quais riscos podem (e devem) ser evitados, o que devemos fazer para minimizá-los, em quais instituições (e especialistas) devemos confiar, etc. (RIPPOL, 2008, p. 4 *apud* COSTA, 2015, p. 48)

Tal cenário, conforme Costa (2015), convoca o indivíduo a atuar sobre si mesmo, gerenciando a própria vida, felicidade e saúde, suscitando um discurso de autonomia. Partindo disto, o capítulo a seguir intenta analisar os *posts* inseridos nos perfis @akapoeta, @matheusrocha e @paratodososloucosdomundo no tocante às formas de medicalização e governamentalidade dos corpos ansiosos no *Instagram*.

CAPÍTULO III – A GOVERNAMENTALIDADE DO SUJEITO ANSIOSO NO *INSTAGRAM*: PRÁTICAS DE MEDICALIZAÇÃO POR MEIO DOS POSTS POÉTICOS

Como visto nos capítulos anteriores, as ações sociais desta era ansiosa se entremeiam, também, na constituição discursiva do âmbito digital. Assim, no ambiente virtual do *Instagram*, mais especificamente, é possível identificar discursos que envolvem o transtorno de ansiedade e a escrita terapêutica engendrando as postagens de perfis que, por sua vez, têm como administradores sujeitos ansiosos. Isto posto, a inserção da escrita terapêutica enquanto um instrumento medicalizador neste ambiente faz com que o próprio *Instagram* adquira novas configurações de funcionamento: de constituinte do dispositivo midiático à dispositivo também medicalizador para o corpo ansioso.

Mediante o exposto, buscaremos compreender, ao longo deste capítulo, como o *Instagram* está se constituindo e atuando enquanto um dispositivo medicalizador para o corpo ansioso, através da observação discursos sobre a ansiedade em perfis da referida rede social, bem como das práticas de governamentalidade, medicalização e subjetivação emergentes a este processo. Para tanto, percorreremos o seguinte percurso nos subtópicos abaixo: a) a formação do *Instagram* enquanto um dispositivo medicalizador para o corpo ansioso; b) as práticas de governamentalidade e medicalização para estes corpos mediante o risco-segurança das psicoterapias nesta rede social; e, posteriormente, c) os modos de subjetivação para com o sujeito ansioso, suscitadas pelo dispositivo.

Assim, para uma melhor compreensão da formação deste dispositivo medicalizador, convém adentrar nas discussões do subtópico 3.1, abaixo.

3.1 Medicalização, *Instagram* e corpo ansioso: a formação do dispositivo

O *Instagram* é, atualmente, uma das redes sociais mais utilizadas no mundo⁴.

⁴ O *Instagram* é uma rede social idealizada pelos engenheiros de programação Kevin Systrom e Mike Krieger com a intenção de resgatar as clássicas e instantâneas fotos Polaroids por meio da mídia digital (VASSALO 2012 *apud* ALVES; COSTA; PERINOTTO, 2017). Atualmente, esta rede social já

Assim, por oferecer um acesso rápido, fácil e democrático, estas redes de compartilhamento acabam sendo um ambiente propício para a externalização e expurgação quase que instantânea dos pensamentos dos corpos ansiosos (assim como sugerem os documentos normalizadores da área médico-psiquiátrica), o que favorece a emergência de perfis que tratam do transtorno de ansiedade. Focalizando, então, os perfis brasileiros, podemos citar, portanto, as páginas @akapoeta, @matheusrocha e @paratodososloucosdomundo. Todos os seus respectivos autores sofrem com o transtorno de ansiedade e utilizam estes perfis para desabafar as suas crises e expurgar os sentimentos através das postagens.

O autor/administrador do perfil @akapoeta, João Doerdelein, nasceu em Brasília, no ano de 1996. É publicitário e começou sua relação com a escrita aos 11 anos. Hoje, aos 22, já é um dos maiores escritores da sua geração, sendo autor de dois *best sellers*: *O livro dos ressignificados* e *Coração Granada*. Em suas linhas, faz uma releitura das vivências do cotidiano, redefinindo as palavras e poetizando os seus significados através de poemas curtos e com recursos imagéticos. Doerdelein sempre teve a intenção de se tornar conhecido através de sua escrita e, por isso, apostou nas redes sociais para obter uma maior visibilidade. Inicialmente, começou as publicações na rede social *Tumblr*, seguindo, posteriormente, para o *Facebook* e *Instagram* (@AKAPOETA, JOÃO DOEDERLEIN, 2018). Nesta última, conta com cerca de um milhão de seguidores. Seus posts, por sua vez, abordam temáticas e problemáticas típicas da sua geração: as relações sociais e virtuais cotidianas, os sentimentos, os signos, incluindo postagens relacionadas ao próprio transtorno de ansiedade.

A segunda página, que leva o nome do próprio autor, @matheusrocha, tem como principal característica de escrita, assim como o @akapoeta, temáticas que envolvem o cotidiano, dando uma ênfase mais explícita aos dilemas do corpo ansioso através da prosa poética. Matheus é baiano, possui 27 anos e é formado em Comunicação Social. Começou a escrever ainda na infância e hoje possui um total de três livros publicados: *No meio do caminho tinha uma pedra*, *Muito amor por favor* e *Pressa de ser feliz: as crônicas de um ansioso*. Nas redes sociais, também iniciou suas produções no *Tumblr*, com o pseudônimo *Neologismo*, seguindo uma trajetória

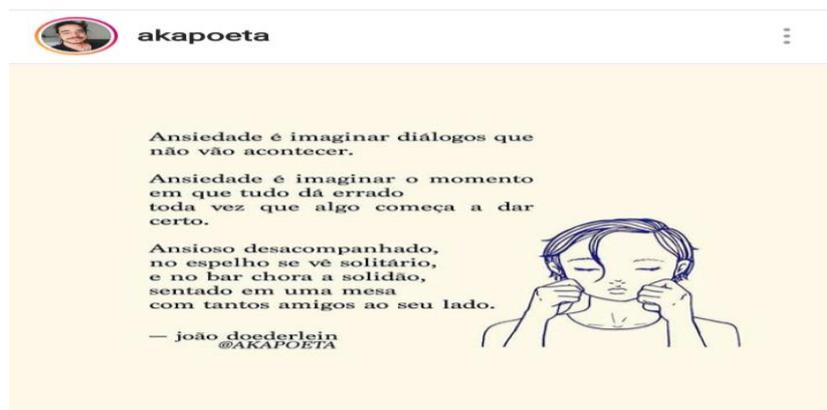
conta com cerca de 1 bilhão de usuários ativos em todo o mundo (EQUIPE APORAMA, 2018). No Brasil, a rede atingiu a marca de 50 milhões de usuários, sendo a segunda maior rede ativa, perdendo apenas para os EUA (MARKETING DIGITAL MASSIVO - BLOG, 2018).

pelo *Facebook* e, atualmente, no *Instagram*, onde assumiu recentemente sua identidade enquanto autor, assinando a página (AUTOR: MATHEUS ROCHA, 2018). No espaço reservado para a biografia, no perfil no *Instagram*, Matheus caracteriza a página enquanto “abraços através de palavras” (o que já prenuncia os contornos medicalizadores que esta adquire), no qual já alcança em torno de 509 mil seguidores.

Por último, o perfil @paratodososloucosdomundo. Nesta, o administrador(a) se apresenta de forma anônima. O título da página em si, portanto, se configura como o próprio pseudônimo do autor. Sendo menos conhecida do que as supracitadas, conta com um total de 74,8 mil seguidores e 207 publicações. Assim como as demais, suas postagens giram em torno da realidade psicológica do sujeito contemporâneo, mas com a singularidade de tratar, em suas materialidades, apenas do transtorno de ansiedade e as respectivas vivências do corpo ansioso. Partindo disto, aborda os medos, os anseios, as crises que permeiam os pensamentos da figura ansiosa em sua concretude textual, que versa entre o poema e prosa poética, com auxílio de imagens que intensificam o sentido do texto.

Em todas as três páginas o transtorno de ansiedade é tratado de diferentes formas, intensidade e configurações. As materialidades, por sua vez, são constituídas de contornos poéticos, tanto os elementos verbais como imagéticos, como podemos visualizar na imagem 1.

Imagem 1 - Post extraído do perfil @akapoeta



Fonte: www.instagram.com

Neste *post*, a abordagem do transtorno de ansiedade é facilmente identificada, uma vez que o autor, de forma poética, expõe na materialidade o que é

e como se dá uma crise de ansiedade a partir da sua própria experiência íntima, como podemos denotar nos dois primeiros trechos: “Ansiedade é imaginar diálogos que não vão acontecer. Ansiedade é imaginar o momento em que tudo dá errado [...]”. Desta forma, o sofrimento psíquico suscitado por circunstâncias aparentemente banais e, muitas vezes, até imaginárias, denotam os sintomas característicos ao transtorno, uma vez que o sujeito tenta adiantar mentalmente as possíveis situações catastróficas para que, assim, possa se preparar para o suposto “perigo iminente”. Ao mesmo tempo, o sentimento de medo evocado por essas ameaças indefinidas e futuras resultam, no sujeito ansioso, comportamentos de inquietação, angústia e cobranças excessivas, impedindo-o de aproveitar as situações cotidianas junto aos amigos e familiares, pois, como podemos depreender na materialidade, os pensamentos autossabotadores tendem a ser recorrentes no corpo psíquico do sujeito.

Além disso, a sensação de solidão do sujeito que enuncia destacada na materialidade também pode ser ligada ao tratamento trivial dado a educação emocional na sociedade contemporânea – retomando Cury (2015) –, reafirmando tabus perante os corpos que sofrem com os transtornos psicológicos (não se resumindo apenas a ansiedade) e, conseqüentemente, suscitando atitudes e julgamentos (pré)conceituosos. Além disso, os recursos imagéticos, que também compõem o poema, auxiliam na intensificação desta espécie de “poetização” dos sintomas do referido transtorno, tendo em vista que a expressividade da garota, ao apresentar-se de olhos fechados, com as mãos e uma fina mecha do cabelo caído na face, contrastando com os traços leves do desenho e com a cor rosada do plano de fundo remontam uma espécie de luta psíquica travada contra seus pensamentos na tentativa de amenizar o sofrimento proveniente do transtorno (HELLER, 2013).

Mediante as discussões acima tecidas, é oportuno mencionar que a presença de contornos biopolíticos⁵ na materialidade torna-se notória ao atentarmos para as condições de produção do *post*, uma vez que é um produto da escrita terapêutica nas redes sociais. Sendo assim, podemos identificar discursos voltados para a reabilitação dos sujeitos, uma vez que, ao descrever as dinâmicas da ansiedade em seu corpo, é possível que sujeito ansioso confronte o próprio transtorno de forma

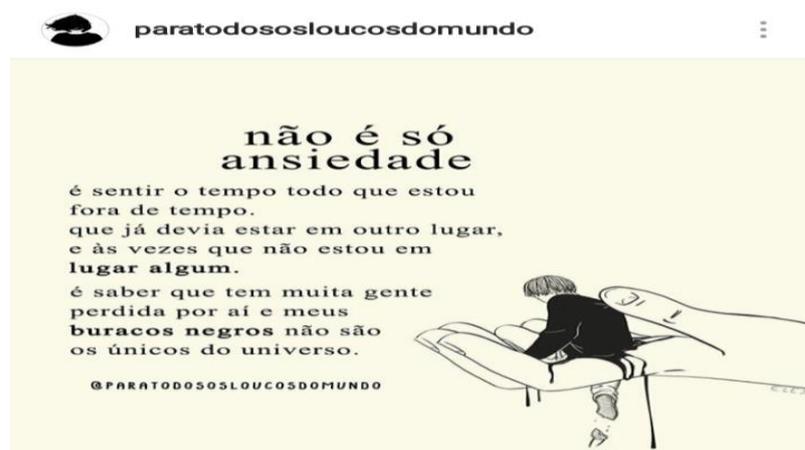
⁵ Entendemos por “contornos biopolíticos” os discursos que reverberam os ideais de manutenção e medicalização da vida, próprias à biopolítica contemporânea.

racionalizada, de modo a viabilizar o reordenamento dos seus pensamentos e, conseqüentemente, compreender como este o afeta. Assim, o presumido alívio proporcionado pela escrita terapêutica reflete, portanto, as intervenções próprias aos ideais biopolíticos, que intencionam a manutenção da vida para o fortalecimento da produção capitalista, como propõe Hardt (2001) e Figueiras e Marcelino (2008).

De acordo com Deleuze (2016), Foucault (2018) e Marcello (2004), essa espécie de mutação torna-se possível por dois motivos. Primeiro, porque o dispositivo, por ser uma rede heterogênea formada pela tríade poder-saber-subjetividade que interliga instituições, leis, normalizações, discursos, enunciados científicos, ditos e não ditos, com intuito de governar os sujeitos, possui em sua constituição um caráter flexível, estando aberto a reconfigurações na sua arquitetura, e a serem perpassados por outros dispositivos. Neste caso, o *Instagram*, um dos membros constituintes do dispositivo midiático, acaba sendo perpassado pelo dispositivo da saúde, em que os princípios biopolíticos se estabelecem através dos ideais de medicalização. Segundo, embasando-nos nas proposições de Levý (2011) e Charaudeau (2013), porque o próprio dispositivo midiático é capaz de deslocar os elementos da realidade para o virtual, de modo a refletir as práticas e os discursos que envolvem a ansiedade que circulam no âmbito social.

Neste contexto, a referida rede social pode, também, transfigurar-se a um dispositivo medicalizador para o corpo ansioso. Isto posto, convém voltar as discussões para a constituição do saber-poder do *Instagram* enquanto dispositivo medicalizador.

Imagem 2 – Post extraído do perfil @paratodososloucosdomundo



Fonte: www.instagram.com

Nesta figura, retirada do perfil @paratodososloucosdomundo, primeiramente, podemos perceber mais uma vez o tratamento poético do transtorno de ansiedade no enunciado, se assemelhando bastante à página @akapoeta. Nela, afirma que a posição que enuncia sente não apenas a ansiedade enquanto um sentimento instintivo, sadio, de espera por algo, mas, sim, uma ansiedade patológica. Assim, podemos denotar na materialidade discursiva a inquietação, a insegurança e as cobranças excessivas causadas por uma mente agitada. Sofrer com o transtorno de ansiedade é, paradoxalmente, sentir-se perdido e vazio ao ser dominado por esta força, como podemos denotar nas expressões em destaque “lugar algum” e “buracos negros”. Neste sentido, a materialidade imagética intensifica a ideia de controle constante, em que o sujeito ansioso se sente preso, analogamente amarrado e ilhado nas “mãos” do transtorno.

Com efeito, ao tratar do transtorno de ansiedade nas redes sociais, as mídias oferecem uma maior visibilidade e enunciabilidade para os corpos ansiosos, permitindo a incorporação e disseminação das práticas de medicalização. Partindo disto, convém compreender como se dão os regimes e curvas que fazem ver e enunciar o corpo ansioso nestes ambientes. Podemos, então, elencar três elementos principais que constituem a arquitetura deste dispositivo medicalizador:

a) as forças capitalistas e tecnológicas que incidem sob o corpo dos sujeitos fazem emergir os discursos da ansiedade, fazendo ver e enunciar os sofrimentos do eu psíquico;

b) as forças biopolíticas que focalizam a medicalização do corpo ansioso, de modo que possam voltar a produzir adequadamente para ao capitalismo;

c) o próprio dispositivo midiático em si, representado pelo *Instagram*, que intensifica esta visibilidade e disseminação de tais discursos no âmbito virtual.

Logo, a união destes elementos na constituição de um único dispositivo permite a modulação específica do modo de ver e de enunciar (d)estes sujeitos ansiosos no âmbito virtual, de modo que, singularmente, passam a ser compreendidos como corpos que buscam a sua própria medicalização, originando, portanto, a dimensão do saber.

Já a dimensão do poder, por sua vez, delinea as práticas de visibilidades e enunciabilidade do dispositivo, conforme postulam Marcello (2004) e Deleuze (1996), sendo formada a partir do intercruzamento de forças provenientes das ações sociais do capitalismo, da biopolítica e das mídias. Partindo disto, podemos denotar

que as linhas de poder que constituem este dispositivo de medicalização para os corpos ansiosos são formadas por linhas de força psíquica e social, de modo que regram tanto o objeto, como o que pode ser dito (ou não) no dispositivo. Logo, é possível elencar quatro instâncias principais que as suscitam o dispositivo medicalizador através do *Instagram*:

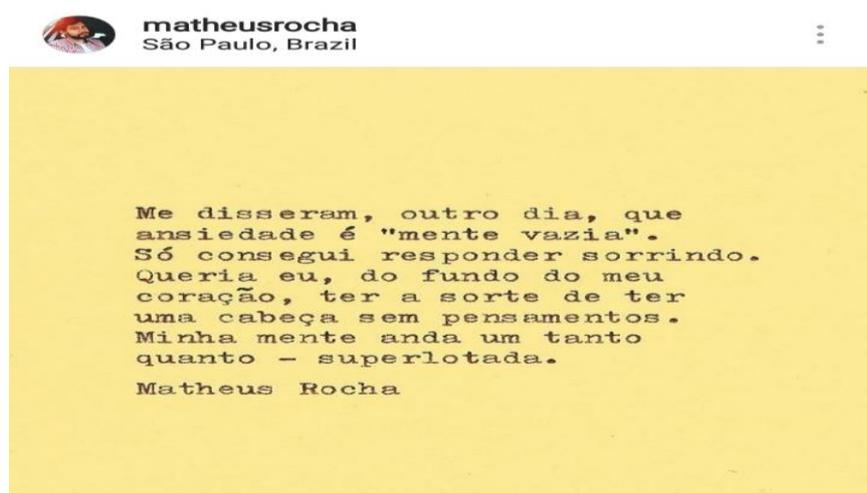
a) as linhas de força que emergem das práticas capitalistas e tecnológicas, que exigem e, conseqüentemente, adoecem os corpos psíquicos, suscitando, então, os transtornos de ansiedade;

b) as linhas de força do biopoder, que envolvem os discursos e os materiais normativos das instituições médicas e abarcam os discursos do risco, bem como as práticas de governamentalidade e de medicalização dos corpos – com foco na escrita terapêutica; e, por fim,

c) as linhas de força das mídias virtuais que atuam em consonância com o biopoder, permitindo a disseminação dos discursos da saúde perfeita e, conseqüentemente, incitam a convocação dos sujeitos ao autogoverno, de modo a controlar os corpos (mental e físico).

Tais proposições podem ser identificadas na imagem 3, apresentada a seguir:

Imagem 3 – Post extraído do perfil @matheusrocha



Fonte: www.instagram.com

O *post* acima, extraído do perfil @matheusrocha, segue a mesma linha de abordagem do transtorno de ansiedade, denotando, também, a sua experiência particular mediante esta patologia. Nesta materialidade, diferentemente dos perfis

@akapoeta e do @paratodososloucosdomundo, que alicerçam as produções anteriores sob o gênero poema, @matheusrocha constrói a maior parte dos seus *posts* a partir da prosa poética e sem uso de materialidades imagéticas. Em contrapartida, um ponto que versa com as demais páginas – além da temática – é o uso das cores no plano de fundo, em específico a amarela, que remete a uma necessidade de chamar a atenção, um grito (HELLER, 2013). Desta forma, na materialidade da imagem acima, o autor enfatizam dois elementos importantes: a experiência interna de luta constante entre o eu psíquico e a construção desenfreada de pensamentos, bem como a relação do corpo ansioso com o meio social, perceptível principalmente nos trechos “me disseram, outro dia, que ansiedade era mente vazia” e “queria eu [...] ter a sorte de uma cabeça sem pensamentos”. Quanto à relação deste último, é mais uma vez nítido o reflexo ao tratamento trivial dado a educação emocional, que culmina na falta de informação por parte dos demais sujeitos sociais, e que, em virtude disto, acabam ligando os transtornos de ansiedade a fraqueza, a “falta do que fazer e pensar” dos sujeitos. A título de análise, iremos focalizar, na materialidade, as linhas de força de caráter mental (eu psíquico *versus* a construção inconsciente dos pensamentos) e social (capitalismo, biopoder e mídias virtuais), discutidas anteriormente.

Estas linhas permanecem em constante disputa e é justamente esse embate, o jogo entre estas instâncias, conforme preconizam Marcello (2004) e Deleuze (1996), que garante o nascimento do dispositivo medicalizador nas redes sociais. Como visto, os poderes provenientes do capitalismo e das mídias incidem-se nos corpos, sobrecarregando o funcionamento dos cérebros e, conseqüentemente, influenciando de modo negativo a construção dos pensamentos. Em contrapartida, no campo mental emerge uma tentativa de proteção do eu psíquico contra o fluxo desenfreado destas projeções mentais (THEISEN, 2015). Assim, o jogo existente entre esses dois elementos – as linhas de poder provenientes do capitalismo/das mídias bem como do mecanismo de construção dos pensamentos – faz nascer as formas de controle dos corpos através do transtorno de ansiedade, que provocam o sofrimento psíquico nos sujeitos. Indo de encontro a este processo, o poder proveniente da biopolítica através dos dispositivos da saúde acaba por intervir nesta dinâmica, fazendo surgir uma nova modulação: a medicalização do corpo ansioso. Assim, ao transpassar as teias midiáticas das redes sociais, esta nova modulação acaba por tornar o *Instagram* um dispositivo medicalizador para o corpo ansioso,

que possui suas próprias formas de governo dos sujeitos e novas formas de subjetivá-los.

Mediante a discussão e, com base nas proposições de Marcello (2004) e Deleuze (1996), é oportuno retomar que este processo que envolve o saber-poder acaba culminando na objetivação do dispositivo (medicalizador para os corpos ansiosos) e, conseqüentemente, na subjetivação dos corpos (sujeito consciente de si e em busca da medicalização, que será melhor esclarecida no subtópico 3.3).

Logo, entendendo que o dispositivo em ação suscita modos de ver, enunciar e incidir poder sobre os seus objetos, focaremos as discussões, no subtópico posterior, nos processos de governamentalidade dos sujeitos ansiosos, tendo em vista que estes são convidados a automedicalização através da escrita terapêutica, nas redes virtuais.

3.2 O risco-segurança das psicoterapias no *Instagram*: práticas de governamentalidade e medicalização

Assim como discutido ao longo do capítulo II, as relações sociais e discursivas da atualidade estão alicerçadas em práticas de controle da população, em que o Estado, aderindo à estratégia biopolítica, passa a ser a figura central de domínio social. Partindo disto, esta instância exerce um poder que, diferentemente da sociedade disciplinar, intenta manejar a saúde dos corpos em prol da produção e crescimento da máquina capitalista, utilizando, para isto, técnicas de disciplinamento e de governo político-médicas, que regulam e articulam a manutenção da vida dos sujeitos, seja de modo individual ou coletivo. Desta forma, as técnicas biopolíticas, ao incidir sobre o corpo, permitem que os sujeitos sejam sutilmente controlados, normatizados e adestrados – suscitando, de certo modo, uma falsa impressão de “liberdade” das ações destes – no intuito de amplificar a longevidade e aperfeiçoar a performance para, conseqüentemente, intensificar a produção capitalista. Assim, o corpo passa a ser a peça chave deste processo.

Em contrapartida, para que esta performance e longevidade sejam constantemente aprimoradas, as ações biopolíticas, através das instituições médicas, lançam mão de instrumentos de diagnóstico e intervenção com o intuito de identificar os possíveis *déficits* e patologias de maneira prematura para que se possa

planejar táticas de prevenção e medicalização sobre os corpos antes que estes cenários deficitários cheguem a se concretizar e/ou evoluir (CAPONI, 213; ORTEGA, 2008).

É por este motivo que Ortega (2008) afirma que os discursos do risco são estruturantes da biopolítica atual, de modo que, juntamente com os ideais de medicalização, suscitam a norma da “saúde e corpo perfeitos”⁶. Deste modo, ao incorporar os discursos do risco e, modulados pela norma, os sujeitos são convocados a se autogovernarem através de uma conduta baseada na perícia constante e reflexiva de si – denominada por Foucault (2008b) de autogoverno e por Costa (2015), discurso da autonomia, sendo mediadas por manuais e terapias, por exemplo –, se tornando, então, responsabilidade do sujeito o cuidado com o seu corpo, com a sua saúde e felicidade, bem como as consequências das suas ações, no intuito de diminuir o peso sobre o Estado.

Neste contexto, as mídias virtuais acabam se tornando um importante aliado no que concerne à incorporação e disseminação dos discursos do risco e da autonomia, uma vez que pode proporcionar uma maior expansão e domínio biopolítico sobre os corpos através de suas tramas virtuais. Este ambiente, com a prerrogativa do cuidado com a saúde, convoca cada vez mais sujeitos ao autocontrole, ou seja, ao cuidado de si, permitindo que estes obtenham mais informação, internalizem os riscos que devem temer ou minimizar e busquem os melhores estilos de vida para a manutenção da saúde (COSTA, 2015). Partindo, então, da ideia de governamentalidade nos meios virtuais, é relevante compreender como ocorre o autogoverno dos corpos acometidos com o transtorno de ansiedade na rede social *Instagram*.

Neste contexto – e retomando Ortega (2008), Caponi (2013) e Baracuhy e Pereira (2013) –, podemos compreender que o governo dos corpos ansiosos são mediados pelos documentos da área da saúde psiquiátrica (DSM-V e OMS), de modo que tais instituições, além de compreender e classificar as características sintomáticas específicas destes corpos, ainda sugerem tratamentos para que se enquadrem nos ideais de normalidade. Assim, os sujeitos que sofrem com o

⁶ As normas da biopolítica contemporânea – ou biossociabilidade, retomando Ortega (2008) –, podem ser conceituadas como pressupostos que constroem as referências do corpo ideal, levando em consideração os valores, as médias e variações mediante as estatísticas tidas como admissíveis. Neste contexto, os corpos que não se enquadram à norma são classificados como anormais, desviantes (FOUCAULT, 2008b; COURTINE, 2013).

transtorno de ansiedade, por apresentarem em seus corpos dinâmicas e sintomas que os indispõem, em dados momentos, para as inter-relações sociais e, conseqüentemente, os incapacitam para a produção capitalista, são envolvidos em medidas medicalizadoras para fazer com que voltem a produzir adequadamente para a máquina capitalista – seja através de intervenções medicamentosas (ansiolíticos) e/ou psicoterapias (a exemplo da escrita terapêutica) que estimulam a recuperação destes sujeitos.

Tais intervenções refletem, conseqüentemente, na transformação do fazer discursivo dos sujeitos, que passam de corpos psiquicamente apáticos e em constante sofrimento a sujeitos donos de si, em busca de constante medicalização. Estes discursos, ao se inserir nos meios digitais – que refletem as relações sociais e permitem a veiculação dos discursos biopolíticas –, propiciam ações medicalizadoras nestes ambientes. Partindo disto, Costa (2015) afirma que a governamentalidade e a medicalização dos corpos na internet se dão a partir da seguinte tríade: terapias que se fundamentam na ideia do risco; ações embasadas no discurso da autonomia; e nas relações mediadas pela própria mídia. Sob este prisma, podemos retomar os olhares para as dinâmicas do autogoverno e medicalização dos/nos corpos ansiosos através da escrita terapêutica, nas tramas do *Instagram*, a partir dos *posts* abaixo:

Imagem 4 – Recorte da legenda do *post* “Para ler quando a ansiedade e outros excessos...”, extraído do perfil @paratodososloucosdomundo.

paratodososloucosdomundo RESPIRA.
apesar de já acordar contando os finais.

às vezes queria ser qualquer um, só pra não afogar
na possibilidade de ser tudo.
às vezes me sinto como um quadro do Van Gogh
coberto por um pano de chão,
ou como uma música desafinada.

acordo prevendo furacões e tornados. "meus
pensamentos são estrelas que não consigo organizar
nas constelações." a ansiedade me devora e me
vomita.
evito as possibilidades do amor, é que também
prevejo os óbitos dos meus relacionamentos, acho
que tudo vai dar errado, porque é onde mais me
encaixo, nas coisas que não dão certo.

não sei amar aos pedaços, só sei amar grande,
inteiro, absurdos.
às vezes acho que tenho areia movediça no lugar de
um coração.

a ansiedade é o futuro que existe só na minha
cabeça. é imaginar o outro lado da conversa, é ir
deixando a vida pra depois, pra quando fizer sentido.
é se sentir sem sentido o tempo todo.

[...]

respira fundo.
você não tem obrigação de ser indestrutível e
impenetrável.
apesar de sonhar com impossibilidades.
você continua aqui.
a ansiedade não vai tirar suas cores.

Fonte: www.instagram.com

Como podemos identificar no excerto da legenda acima, extraído da página @paratodososloucosdomundo, esta postagem também aborda o transtorno de ansiedade em ação no corpo ansioso. Esta publicação expõe em sua materialidade discursiva a crise ansiosa de modo antecipado, como se houvesse o risco de irromper a qualquer momento. Desta forma, logo no início percebemos uma espécie de chamamento ao observar a palavra “respira” em letras maiúsculas, revelando que o sujeito que enuncia está tentando se controlar para, assim, controlar tais sintomas em seu corpo. Ao respirar, ele comanda o seu cérebro a fazer uma ação por vez para evitar a crise: tentar pensar racional e calmamente, mesmo com os medos e pensamentos asfixiantes.

Ao mesmo tempo, a segmentação textual conduz a digressionar, juntamente com a posição que enuncia, no fluxo dos pensamentos deste sujeito. Assim, a partir da referida materialidade discursiva, podemos presumir, por sua vez, que o sujeito se apresenta asfixiado pela produção de projeções mentais excessivas e pelas incertezas, de modo que, metaforicamente, o afogam. Tal proposição pode ser confirmada ao observar a comparação que o mesmo faz ao citar que, vivendo com o transtorno, ele poderia ser equiparado a um quadro de Van Gogh, enquanto a ansiedade seria o pano de chão. Esta representação remete, então, a ideia de que o sujeito, apesar de sua singularidade (com seus jogos de cores e nuances, típica às obras do pintor), seria encoberto pelo transtorno, silenciando toda a sua individualidade. Assim, a ansiedade o faz um ser apagado, esquecido e reprimido.

Por fim, ele retoma a si mais uma vez exigindo mais calma para não entrar em pânico e, assim, focar na realidade na tentativa de silenciar seus pensamentos catastróficos e autossabotadores. Partindo disto, afirma para si mesmo (retomando a analogia ao quadro de Van Gogh coberto pelo pano de chão) que a ansiedade, apesar de lhe encobrir, não irá tirar as suas cores, ou seja, não vai desfazer o que o este essencialmente é, além do transtorno.

Além do mais, na materialidade, também podemos denotar as dinâmicas da síndrome do pânico, sintoma típico ao transtorno que se constitui a partir do receio

do sujeito em adentrar em novas crises. Assim, a materialidade discursiva, através do medo, busca projetar os possíveis perigos para, assim, se proteger do futuro – mas, antagonicamente, perdendo o presente. Logo, tais tentativas de previsões acabam por prejudicar substancialmente as relações pessoais e sociais do sujeito ansioso, uma vez que podem tender a afastar-se destes contatos como uma tentativa de proteção pessoal.

O ansioso vive seus sentimentos e cobranças de modo muito intenso, seja no medo ou no amor, o que o leva a perder-se em si, isto é, sabotar a si mesmo através dos seus excessos de pensamentos. Assim, conforme o sujeito que enuncia, ter uma mente ansiosa é ser sufocado com o “muito”, mas conviver com a solidão, o vazio; é estar numa eterna luta para se libertar, mas permanecer acorrentado. Compreendendo, portanto, a materialidade do *post* de forma mais ampla, podemos constatar que a sua construção discursiva se apoia nos discursos do risco. Partindo deste pressuposto, podemos tecer uma breve analogia entre a construção discursiva com a dinâmica da biopolítica contemporânea, embasando-nos em Ortega (2008) e Costa (2015): assim como as práticas médicas se debruçam nos discursos do risco a medida em que buscam, precocemente, prever e medicalizar as possíveis predisposições psicofisiopatológicas dos corpos, toda a progressão textual e de pensamentos se dão em função do medo ao risco de adentrar em uma nova crise de ansiedade, buscando, então, prever para prevenir tal colapso.

Logo, não só a materialidade discursiva está embasada no discurso do risco, mas também o próprio *modus operandi* do transtorno de ansiedade, uma vez que o sujeito ansioso tenta prever e evitar os sofrimentos psíquicos já vivenciados uma vez, o que causa prejuízos não só ao corpo ansioso, mas também as relações inter-sociais, indispensáveis à sobrevivência do sistema capitalista. Assim, o sujeito ansioso encontra na escrita o caminho para purificar-se. Mediante esta atmosfera de “risco” suscitada pela materialidade textual do *post* e, retomando os preceitos biopolíticos de governamentalidade e medicalização, a escrita terapêutica se insere nas redes digitais como um instrumento terapêutico para estes corpos, podendo, eventualmente, dar suporte aos tratamentos à base de ansiolíticos e aliviando a psique destes sujeitos. Ao escolher esta forma de terapia, podemos perceber que os sujeitos são instigados ao governo de si, uma vez que, aos primeiros indícios das crises de ansiedade, estes mesmos se responsabilizam pela procura, ação e, conseqüentemente, pela automedicalização. Assim, tal terapia, além de embasar-se

no discurso do risco, também integra os discursos da autonomia. Partindo disto, discutiremos um pouco sobre os discursos da autonomia a partir da materialidade do *post* abaixo:

Imagem 5 – Recorte da legenda do *post* “O mundo não é um peso, mas talvez eu sinta o peso dele”, extraído do perfil @akapoeta.

akapoeta Intercâmbio era uma palavra que me trazia medo e sensação de solidão. Hoje é talvez aquilo que salve meu coração dele mesmo. Que afugente a ansiedade de estar na mesma cidade desde o dia em que nasci, com as mesmas pessoas e todos os problemas já criados. Eu não quero me afastar de nada nem ninguém, mas talvez eu precise. Talvez eu precise passar seis meses sendo um novo eu, numa nova cidade, com novas pessoas, problemas e soluções. Talvez eu precise ver o mundo do lado de lá, sentir o vento de outro lugar e decorar o nome de ruas diferentes. Ter um novo lugar favorito, um novo restaurante preferido e um novo "almoço de sempre". Novos amigos que me digam das mesmas velhas coisas de uma outra forma (e em outro idioma também). Talvez eu precise da oportunidade de ser outra pessoa

[...]

Talvez eu não queira seis meses longe do mundo que eu conheço. Talvez eu precise. Mas talvez sim, talvez eu queira também. Viajar engradece a alma por esse motivo: te dá um novo mapa pra seguir. Mas fazer intercâmbio é mais do que viajar, é pegar esse mapa em outra língua e decorar, e jogar fora por não precisar mais dele. É sentir seu coração se tornar mais independente, não das pessoas, mas do dia a dia que nos parecia um ritual implacável e seguro. O mundo não é seguro.

E o mundo não é um peso, mas talvez eu sinta o peso dele. Seis meses em outro mundo não faria mal. Não digo que esse outro mundo também não pese, mas talvez assim eu tenha menos medo do peso do meu.

Fonte: www.instagram.com

No recorte da legenda acima, retirado do perfil do @akapoeta, podemos denotar uma nova disposição textual que foge da configuração usual da página, subsidiada sob o gênero poema, o que também deixa retomar a necessidade do autor: a mudança. Em verdade, o texto mesmo com sua configuração diferente do costume, não perdeu seus contornos poéticos. Assim, há uma tentativa do sujeito de se afastar das suas relações sociais, se encontrar e se conhecer ao tentar um intercâmbio. Por ser uma experiência temporária em outro país, este poderia se compreender melhor, fugir de tudo sem necessariamente abandonar as suas “raízes”. Partindo deste mesmo raciocínio, podemos, também, associar a vontade de

aventurar-se em um intercâmbio à intenção de não ser o mesmo sujeito que sofre com o transtorno de ansiedade. Assim, ele teria uma oportunidade de “respirar novos ares”, novos “eu’s”, mesmo que por um curto período, para assim, ter total controle de si.

Desta forma, através da escrita o eu psíquico expõe e racionaliza a construção de metapensamentos como em uma conversa consigo mesmo, encontrando-se nítida no fragmento “Talvez eu não queira seis meses longe do mundo que eu conheço. Talvez eu precise. Mas talvez sim, talvez eu queira também. Viajar engrandece a alma por esse motivo: te dá um novo mapa pra seguir”. Partindo disto, percebemos a essência da materialidade textual sendo alicerçada no discurso da autonomia, uma vez que o eu psíquico diz querer sentir-se livre, dono de si, ter autocontrole: “É sentir seu coração se tornar mais independente, não das pessoas, mas do dia a dia que nos parecia um ritual implacável e seguro”. Mas, ainda retoma o discurso do risco, próprio a *praxe* da ansiedade: “O mundo não é seguro”. Em suma, os trechos destacados retomam os efeitos que o mundo capitalista atual nutre, de modo a sintetizar as dinâmicas negativas que reverberam na constituição do corpo psíquico contemporâneo.

Assim, com o discurso da autonomia, o sujeito é convidado a se periciar constantemente e seguir as predicções em prol de si mesmo, mas sempre tomando por base o olhar do outro, conforme postula Ortega (2008), Foucault (2008b) e Costa (2015). Neste caso, temos como o “olhar do outro” os documentos normativos da área medico-psiquiátrica, que modulam os ideais de corpo psicologicamente saudável. Considerando que os meios virtuais são importantes ambientes que favorecem o controle social da biopolítica, podemos compreender que os dispositivos midiáticos, ao incorporar os ideais biopolíticos que circulam na sociedade, chamam cada vez mais os corpos ao autocontrole, isto é, ao cuidado de si com foco no corpo saudável. Com a união da escrita terapêutica e o *Instagram*, por exemplo, os corpos se autogovernam a partir do momento que externalizam seus sentimentos e temores através da reprodução verbal e/ou imagética, retomando os postulados de Caldin (2001) e Figueiras e Marcelino (2008), de modo que conseguem expurgar esses fantasmas e se conhecer. Deste modo, o processo de medicalização ocorre de forma independente e consciente.

Assim, a governamentalidade dos sujeitos ansiosos mediada por tais discursos – do risco e da autonomia – em ambientes virtuais, faz emergir o processo

de medicalização dos corpos. Este pode ser ilustrado, então, a partir da imagem 6, em que traz em sua materialidade a abordagem da escrita terapêutica em ação durante uma crise de ansiedade.

Imagem 6 – Recorte da legenda do *post* “Seis desabaços que escrevi durante uma crise de ansiedade”, extraído do perfil @akapoeta.

Ansiedade.
 Ansiedade é o que me faz olhar pros lados numa procura obviamente inútil por algo que faça passar a sensação mais condensada que eu já senti e que eu claramente não consigo controlar. Procuo remédio. Procuo espaço. Procuo ar. Procuo alguém pra me ajudar. Três da manhã, será que eu ligo? Eu devo ligar. Não quero incomodar. A ansiedade me incomoda. Não quero ser a ansiedade de ninguém. Remédio pra dormir não parece uma opção ruim. Mas eu não tenho remédios pra dormir. Eu ainda tenho problemas pra dormir.
 [...]
 Ansiedade.
 Ansiedade deixou marcas no meu corpo. Marcas que me lembram do que em que eu quase perdi. O desenho de uma vitória sofrida, que mostra pra mim, claramente, que quanto mais o tempo passa, mais eu me fortaleço. —
 Ansiedade.
 Ansiedade faz parte da minha casa, tem um quarto na minha vida, uma caneca só dela no armário da minha cozinha. Hoje em dia ela fica quieta a maior parte do ano. Não posso tentar expulsar parte da minha alma. Convivo com meu demônio no meu apartamento, é melhor do que morar no inferno do sentimento.

Fonte: www.instagram.com

Através do *post* acima, podemos denotar que o autor, durante uma crise de ansiedade, utiliza a escrita terapêutica como uma ferramenta para expurgar seus pensamentos. Ao longo de 6 (seis) desabaços, como anunciado no título da postagem, pode-se perceber mais uma vez a materialização da ansiedade sob o olhar particular do corpo ansioso a partir da voz do sujeito que enuncia. Para efeito de análise, focalizaremos o terceiro e o sexto desabaço, respectivamente representados na imagem 6 acima.

Assim como a imagem 4, apresentada anteriormente, o autor constrói analogias utilizando elementos do cotidiano para numa tentativa de exprimir em palavras e intensidade as sensações “indizíveis” que atormentam o corpo ansioso.

Partindo disto, no primeiro trecho denota-se um fluxo intenso de pensamentos que pode ser identificado na repetição das palavras “ansiedade”, “remédio” e “dormir”, dando, assim, a ideia de uma cadeia desordenada e confusa de pensamentos, no seguinte trecho: “A ansiedade me incomoda. Não quero ser a ansiedade de ninguém. Remédio pra dormir não parece uma opção ruim. Mas eu não tenho remédios pra dormir. Eu ainda tenho problemas pra dormir”. Logo, a repetição constante de tais palavras deixa transparecer quão caótico se constitui a organização psíquica do sujeito ansioso em uma crise. Este ambiente, por sua vez, torna-se hostil e insalubre para a permanência do próprio eu psíquico, que reage de modo inquieto, confuso, angustiado e receoso. Como consequência a este cenário, os sintomas somáticos suscitam e, por sua vez, também são descritos nas linhas do poema, como, por exemplo, a falta de ar, a irritabilidade e os problemas com o sono.

O último escrito, por sua vez, expõe um contraponto aos demais desabafos, uma vez que registra uma atenuação e aceitação dos sintomas como resultado da prática escrita enquanto terapia. Assim, ao observar os verbos no pretérito perfeito ao se referir a ansiedade (“deixou marcas”), além do uso de termos como “vitória sofrida”, “ansiedade faz parte da minha casa” e “hoje em dia ela fica quieta a maior parte do ano”, percebemos que o sujeito mostra-se aliviado por ter enfrentado e vencido a crise. Assim, presume-se que, após o enfrentamento reflexivo desta fase com o auxílio da escrita terapêutica, o sujeito pôde encarar os seus fantasmas psíquicos e, assim, compreender tais dinâmicas em seu corpo, de modo a conseguir lidar e conviver melhor com as oscilações psicofisiológicas consequentes a este transtorno.

Neste contexto, a escrita terapêutica se insere como um importante instrumento que engloba a estimulação de novas formas de produção de pensamentos através da externalização escrita e imagética. Logo, ao se entremear nos ambientes virtuais, o *Instagram* pode se constituir como uma rede social terapêutica em que o sujeito ansioso, neste caso, tendo incorporado o discurso da saúde perfeita, do risco e da autonomia, se governa nestes ambientes no intuito de atingir a medicalização para o seu corpo, de modo a gerenciar a sua vida, a sua felicidade e a sua saúde autonomamente. Ao medicalizar-se neste processo, os corpos voltam a obedecer os ideais da norma biopolítica, que, conforme Ortega (2008), Caponi (2013) e Hardt (2001), consiste em atingir o ideal do corpo perfeito e

saudável, capaz de produzir em termos quantitativos e qualitativos para a máquina capitalista.

Como consequência a este processo de medicalização própria ao dispositivo, os corpos acabam por subjetivar-se. Partindo disto, o subtópico seguinte tecerá discussões acerca das modulações das subjetividades dos corpos ansiosos nestes ambientes virtuais.

3.3 Do sofrimento psíquico à medicalização no *Instagram*: os modos de subjetivação dos sujeitos ansiosos no dispositivo medicalizador

Retomando as discussões tecidas nos subtópicos anteriores, compreendemos que as ações do *Instagram* enquanto um dispositivo medicalizador para o corpo ansioso centram-se em torno de saberes e poderes biopolíticos que emergem das instituições médico-psiquiátricas e infiltram-se nas plataformas virtuais das redes de relacionamento, fazendo ver, enunciar e incidir poderes sobre os corpos ansiosos.

Assim, por intermédio da união dos ideais biopolíticos e midiáticos em um só dispositivo, os sujeitos ansiosos são convocados ao autogoverno e, conseqüentemente, a automedicalização através dos instrumentos psicoterápicos da escrita terapêutica, em obediência à norma da “saúde perfeita” que engendram as relações sociais atuais, conforme discutido anteriormente por Costa (2015). Como consequência a este processo, os sujeitos são singularizados pelo dispositivo através das regras e padrões suscitados, isto é, este, o dispositivo – retomando os postulados de Foucault (2008a) e Gregolin (2007) –, produz/modula subjetividades, de modo que o sujeito se constitui ativamente e se reconhece por meio das técnicas de si e mediante o olhar rígido do Outro. Partindo disto, o autogoverno do corpo ansioso no *Instagram*, por exemplo, é uma técnica de si que tem como principal “vigilante” e norteador das ações de automedicalização os discursos científicos e documentos normalizadores da instituição médico-psiquiátrica.

Logo, os modos de subjetivação contemporâneos sustentam-se em torno do controle exercido sobre os sujeitos, de modo que estes ganham uma espécie de “liberdade controlada” para cuidar de si e da sua saúde ao interiorizar os discursos do risco e da autonomia na intenção de atingir os ideais de corpo perfeito, conforme propõe a biopolítica contemporânea. É por este motivo, então, que o corpo, tanto

físico como psíquico, tornou-se o elemento central da identidade contemporânea – ou bioidentidade, como denomina Ortega (2008) –, uma vez que é através do somático que o controle biopolítico exerce o seu poder. A corporeidade, portanto, demarca e caracteriza o sujeito, incluindo questões inerentes ao psiquismo, como podemos identificar abaixo:

Imagem 7 – Post extraído do perfil @akapoeta



Fonte: www.instagram.com

Assim como os demais *posts* no perfil do @akapoeta, este também aborda, de forma poética, os efeitos causados pelo transtorno de ansiedade em sua corporeidade psíquica. Desta forma, na materialidade, o sujeito expõe toda a luta travada consigo mesmo, denotando que a construção desenfreada de pensamentos amplifica os medos, fazendo-o encarar os acontecimentos, antecipadamente, como situações catastróficas, como podemos denotar no fragmento “ansiedade se faz de lupa na minha frente quando encaro os meus medos”. A luta contra essa produção desenfreada dos pensamentos e sensações angustiantes consequentes a este transtorno acaba culminando um desgaste psicofisiológico no sujeito, o que pode acarretar, consequentemente, sintomas a nível somático, sendo ilustrados no texto pela exaustão física e pelos problemas com o sono. Em contrapartida, este sujeito/corpo se mostra encorajado a enfrentar seus medos e pensamentos diários, sendo consciente de que é responsável por si. Deste modo, a posição que enuncia

se mostra, analogamente, forte como um leão, que é sinônimo de bravura, força, dono de si e do Outro⁷.

Além disso, o uso da imagem, representada pelo rei da selva, intensifica a ideia de luta e resistência diária engendrada no material verbal, já que suas expressões de fúria e coragem, bem como o enquadramento que focaliza apenas o animal denotam um combate constante a perigos indefinidos (DICIONÁRIO DE SÍMBOLOS, 2018). Além do mais, o contraste entre o plano de fundo em tom pastel e a “caixa preta” remontam as dinâmicas existentes entre o exterior, onde ocorrem as relações sociais, e o interior psíquico do corpo ansioso. Assim, enquanto no exterior, aparentemente, está tudo tranquilo –representado pela calma que o rosa alude, conforme HELLER (2013) –, os mecanismos psicológicos, por sua vez, funcionam de forma desordenada, conflitante, mas “silenciosa” por estar reclusa nos corpos.

Isto posto, convém mencionar, ainda, que a cor preta em contraste com a cor clara do leão retoma a *psique* do sujeito ansioso: um ambiente escuro, incerto e confuso que abriga um *self* em constante resistência. Desta forma, podemos compreender que a corporeidade psíquica do ansioso enquanto elemento fenomenológico é denotada na materialidade, uma vez que apresenta as experiências íntimas do sujeito autor. Logo, a experiência do *self*, isto é, do eu psíquico, também passa a ser corporificada e atrela-se à identidade do sujeito, haja vista que a manifestação do psiquismo nas bioidentidades contemporâneas, conforme sustenta Ortega (2008), é reconhecida como constituinte (e indissociável) da corporeidade enquanto elemento fenomenológico.

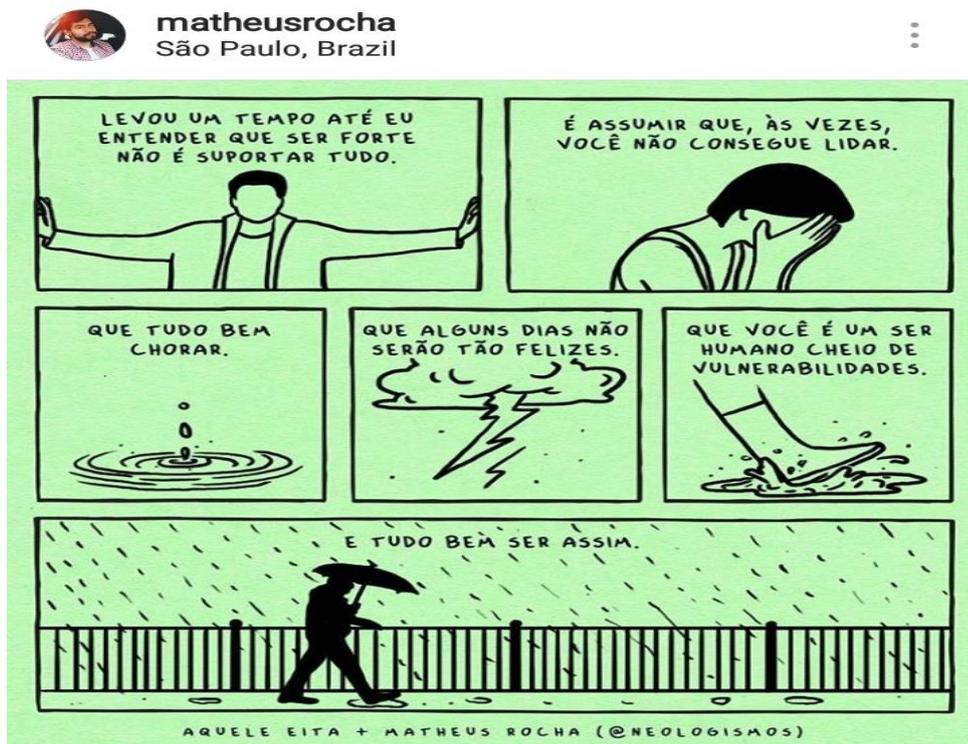
Desta forma, considerando a crescente expansão das mídias sociais, o corpo, compreendido como uma superfície que se permite estabelecer a identidade, tende cada vez mais a ser virtualizado. Assim, a rede social *Instagram*, particularmente, torna-se um espaço em que as subjetividades dos sujeitos ansiosos podem ser expostas/constituídas/disseminadas através das postagens estético-comunicativas, em que o corpo virtual, uma vez que acondiciona ideologias e costumes, por exemplo, apresenta-se como fonte discursiva principal desta rede de

⁷ Empregamos o termo “o Outro” como uma espécie de personificação do transtorno de ansiedade, em que o sujeito ansioso medicalizado possui controle sobre si (*self*) e sobre o transtorno (Outro).

relacionamentos, apoiando-se nos pressupostos defendidos por Luz Caiado Fonte (2017).

Logo, a partir do momento que o sujeito ansioso utiliza o espaço midiático virtual do *Instagram*, ele está não somente expurgando seus pensamentos provenientes ao transtorno, mas também constitui e assina sua própria identidade através da exposição da corporeidade psíquica, como podemos constatar na imagem seguinte.

Imagem 8 – Post extraído do perfil @matheusrocha



Fonte: www.instagram.com

Como podemos visualizar neste *post* do @matheusrocha, o eu psíquico imprime as suas marcas na materialidade discursiva ao evidenciar a *praxe* das crises de ansiedade em seu corpo⁸. Assim, para o corpo ansioso, “ser forte” não significa nunca desistir, nem estar sempre imponente mediante as circunstâncias (como podemos denotar a partir do posicionamento dos sujeitos, que remete a cansaço, esgotamento), mas, sim, (re)conhecer as próprias fraquezas, aceitar as

⁸ Por esta página abordar o transtorno de ansiedade na maioria de suas postagens, compreendemos que o *post* acima, apesar de não citar diretamente o referido transtorno, retoma-o em sua materialidade tanto através das dinâmicas do sofrimento psicológico apresentado, quanto pela interferência do contexto a qual se insere.

vulnerabilidades humanas e, assim, aprender a conviver consigo mesmo. Tal proposição é intensificada pela escolha da cor verde no plano de fundo, que remete a esperança e otimismo (HELLER, 2013). Além disso, as representações imagéticas do raio e da água em várias situações (o choro, a tempestade, as poças) intensificam o contexto de crises e retomam a luta angustiante que o sujeito ansioso trava cotidianamente. Assim, ao pensar no último quadrinho como o desfecho, podemos concluir que este processo cíclico⁹ que consiste em lutar, sucumbir e erguer-se eventualmente possibilita o autoconhecimento e, conseqüentemente, a medicalização destes sujeitos ansiosos.

Partindo desta análise, é possível denotar que a subjetividade destes sujeitos, no *Instagram*, enquanto um dispositivo medicalizador, é conseqüente a sua própria medicalização. Isto é, neste ambiente o sujeito trava uma luta constante consigo mesmo no intuito de expurgar suas angústias através da escrita terapêutica, fazendo ver e enunciar corpos que, apesar de psicologicamente inquietos e angustiados em virtude das dinâmicas do transtorno, retomando Foucault (2008a; 2008b) e Ortega (2008), são conscientes, peritos e atuantes em si, sempre em busca de medicalização. Logo, a subjetivação dos corpos ansiosos sob este fenômeno medicalizador não se dá de forma passiva, mas, sim, de modo ativo, uma vez que há uma luta consigo mesmo, se tornando o próprio objeto de sua ação. Assim, assinam na materialidade das publicações tal subjetividade alicerçada na resistência poetizada e dramática.

⁹ Podemos, também, comparar este ciclo ao da água, na medida em que, simbolicamente, oferece a purificação destes sujeitos por meio deste processo, como podemos identificar na materialidade (DICIONÁRIO DE SÍMBOLOS, 2018).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante as discussões tecidas ao longo desta pesquisa, pudemos compreender que os “discursos ansiosos” que circulam na sociedade atual são reflexos dos sujeitos que, em decorrência das dinâmicas capitalistas e midiáticas contemporâneas, tornam-se cada vez mais sobrecarregados, ansiosos e menos produtivos para o mercado de trabalho. Se, de um lado, a sociedade produz/exige indivíduos cada vez mais produtivos, de outro, observa-se como principal consequência o enfraquecimento psicológico dos indivíduos – processo esse intensificado pela não valorização da educação emocional.

Assim, por ser, inicialmente, uma rede social integrante das mídias digitais, compreendemos que o *Instagram* também contribui para este cenário contemporâneo de adoecimento mental. Em contrapartida, ao atentar para a emergência progressiva de perfis que apresentam o transtorno de ansiedade em suas materialidades, sob nuances poéticas e biopolíticas, podemos denotar que, gradativamente, o *Instagram* adquire novas faces: de vilão a agente medicalizador destes corpos. Partindo disto, tais ambientes virtuais pode servir de aporte para que os corpos ansiosos possam se medicalizar através da escrita terapêutica, tendo em vista que os sujeitos publicam desabafos do seu cotidiano e as crises provenientes ao transtorno através das suas postagens, estruturadas basicamente em poemas e prosas poéticas.

Identificando, portanto, este cenário de transformação das características básicas desta rede virtual (entretenimento) a um dispositivo medicalizador a partir da incorporação dos saberes da medicina, esta investigação buscou compreender como o *Instagram* está se constituindo e organizando enquanto um dispositivo medicalizador para o corpo ansioso na sociedade de controle contemporânea, bem como os modos de subjetivação consequentes a este processo. Logo, convém condensar nesta discussão as dinâmicas identificadas.

Primeiramente, notou-se que há um crescente entrecruzamento de poderes e saberes provenientes dos dispositivos da saúde e midiáticos, estando estes, neste contexto, voltados para o controle e a medicalização dos corpos ansiosos através da escrita no *Instagram*. Partindo disto, as ações do saber-poder próprias a este dispositivo medicalizador incidem poderes sobre os sujeitos ansiosos intencionando o governo destes corpos, baseando-se: a) no discurso do risco de adentrarem em

novas crises e, conseqüentemente, de não estarem aptos as relações sociais e produções capitalistas; b) no discurso da autonomia, que concerne a perícia e ação medicalizadora de/em si nestes ambientes. Assim, os corpos são governados a partir do momento que, autonomamente, utilizam a escrita dos posts para o alívio de seus sintomas, voltando a enquadrar-se nos ideais biopolíticos contemporâneos da saúde perfeita.

Como consequência as dinâmicas deste dispositivo, os modos de subjetivação do sujeito também são atingidos. O seu corpo psíquico acaba sendo materializado virtualmente nos posts, sendo, então, reproduzido pelas particularidades de organização e de representação verbo-imagéticas dos discursos de ansiedade nestes ambientes. Desta forma, ao envolver-se nas dinâmicas do dispositivo medicalizador, este sujeito eventualmente é direcionado a transformar-se: de corpo em constante sofrimento psíquico, apático, pode tornar-se um sujeito consciente de si e em constante luta para se medicalizar. Com efeito, os textos, constituídos de contornos poéticos, imprimem nestas materialidades virtuais a identidade de um corpo consciente, em luta íntima e em busca de cura constante.

Isto posto, concluímos que o *Instagram* pode se materializar como uma alternativa acessível, democrática e instantânea para o tratamento do corpo ansioso na contemporaneidade, já que estas tessituras midiáticas estão cada vez mais presentes na vida do sujeito. Assim, é através deste processo que engloba o *Instagram*, o governo de si e as terapias através da escrita terapêutica que a medicalização dos corpos ansiosos pode se efetivar nas redes sociais, uma vez que possibilita o confronto do paciente com seus próprios pensamentos e “fantasmas psíquicos”, originários ao transtorno.

Partindo, então, do caráter inédito e emergente deste processo, bem como do prisma exploratório desta pesquisa, consideramos que a investigação sobre o corpo ansioso nas redes virtuais não pode findar em apenas este prisma de observação, tendo em vista que há uma gama de vieses ainda inexploradas. Isto posto, esperamos que este trabalho possa abrir novos caminhos para as futuras investigações que envolvam o sujeito e o corpo ansioso, bem como os seus respectivos discursos, de modo a contribuir cada vez mais para o arcabouço teórico da Análise do Discurso sob tal temática.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. O que é um dispositivo?. **Outra travessia**, n. 5, 2005, p. 9-16. Tradução de: Nilcéia Valdati

PORTO ALEGRE. American Psychiatric Association. Artmed. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-V**. 2014. Tradução de: Maria Inês Corrêa Nascimento.

Disponível em: <<https://aempreendedora.com.br/wp-content/uploads/2017/04/Manual-Diagn%C3%B3stico-e-Estat%C3%ADstico-de-Transtornos-Mentais-DSM-5.pdf>>. Acesso em: 09 set. 2018.

BARACUHY, Regina; PEREIRA, Tânia Augusto. A biopolítica dos corpos na sociedade de controle. **Gragoatá**, Niterói, v. 18, n. 34, p.318-330, 2013. 1º Semestre. Disponível em: <<http://www.gragoata.uff.br/index.php/gragoata/article/view/66/23>>. Acesso em: 5 jul. 2018.

BAUMAN, Zygmunt. **Medo líquido**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. Tradução de: Carlos Alberto Medeiros.

BORGES, Michelson; JULIÁN, Melgosa. **O poder da esperança**: segredos do bem-estar emocional. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 2017.

CALDIN, Clarice Fortkamp. A leitura como função terapêutica: biblioterapia. **Bibliotecon**, Florianópolis, v. 6, n. 12, p.32-44, 2001. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/download/36/5200+&cd=2&hl=pt-PT&ct=clnk&gl=pt>>. Acesso em: 05 Jun. 2018

CAPONI, Sandra. Classificar e medicar: a gestão biopolítica dos sofrimentos psíquicos. In: CAPONI, Sandra et al. **A medicalização da vida como estratégia biopolítica**. São Paulo: LiberArs, 2013. p. 97-114.

CHARAUDEAU, Patrick. Introdução. In: CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. 2. ed. 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013. p. 15-29. Tradução de: Ângela M. S. Corrêa.

COSTA, Deyvisson Pereira da. *Blogs terapêuticos e discursos biopolíticos*. In: SOUSA, Kátia Menezes de; PAIXÃO, Humberto Pires da (Orgs). **Dispositivos de poder/saber em Michael Foucault**: biopolítica, corpo e subjetividade. São Paulo: Intermeios, 2015. p. 43-61.

COURTINE, Jean-Jacques. A era da ansiedade: discurso, história e emoções. In: CURSINO, L.; SARGENTINI, V.; PIOVEZANI, C. (Orgs). **(In)subordinações contemporâneas**: consensos e resistências nos discursos. São Carlos: EduFSCar, 2016. p. 15-29.

COURTINE, Jean-Jacques. A normalização dos anormais: um dispositivo e suas transformações, 1840-1940. **Decifrar o corpo**: pensar com Foucault. Tradução de:

Francisco Morás. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. p. 115-142. Cap. 4. p. 115-142. Tradução de: Francisco Morás.

CURY, Augusto. **Ansiedade: como enfrentar o mal do século: a síndrome do pensamento acelerado: como e por que a humanidade adoeceu coletivamente, das crianças aos adultos.** 1. ed. São Paulo: Saraiva, 2015, 160 p.

DALGALARRONDO, Paulo. As grandes síndromes psiquiátricas. In: **Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais.** 2. ed. Porto Alegre: Artmed Editora S.A., 2008. p. 293-394.

Disponível em:
<<https://monitoriapsiq2015.files.wordpress.com/2015/02/psicopatologia-e-semiologia-dos-transtornos-mentais-paulo-dalgalarrrondo.pdf>>. Acesso em: 05 jun. 2018

DELEUZE, Gilles. O que é um dispositivo. In: **O mistério de Ariana.** Lisboa: Ed. Vega, 1996. p. 155-161. Tradução e prefácio de: Edmundo Cordeiro.

Disponível em:
<http://www.uc.pt/iii/ceis20/conceitos_dispositivos/programa/deleuze_dispositivo>.
Acesso em: 14 set. 2018

DELUMEAU, Jean. Introdução: o historiador em busca do medo. In: **história do medo no ocidente 1300-1800: uma cidade sitiada.** São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 11-52. Tradução de Maria Lucia Machado.

FERNANDES, Claudimar Alves. **Análise do discurso: reflexões introdutórias.** Goiânia: Trilhas Urbanas, 2005.

FIGUEIRAS, Maria João; MARCELINO, Dália. Escrita terapêutica em contexto de saúde: uma breve revisão. **Análise Psicológica.** 2008, v. 26, n. 2, p. 327-334. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0870-82312008000200012&lng=pt&nrm=isoCircula&tlng=en>. Acesso em: 05 jun. 2018

FOUCAULT, Michael. **Tecnologías del yo.** 1. ed. Buenos Aires: Paidós, 2008a. Traducido por: Mercedes Allendesalazar.

FOUCAULT, Michael. Aula de 8 de fevereiro de 1978. In: **Segurança, território, população: curso dado no Collège de France (1977-1978).** São Paulo: Martins Fontes, 2008b. p. 155-180. Tradução de: Eduardo Brandão.

FOUCAULT, Michael. **Microfísica do poder.** 7. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

FOUCAULT, Michael. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970.** 24. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014. Tradução de: Laura Fraga de Almeida Sampaio.

FREUD, Sigmund. **Um estudo autobiográfico, Inibições, sintomas e ansiedade, a questão da análise leiga e outros trabalhos.** Volume XX. Londres: Hogarth Press and the Institute of Psycho-Analysis, 1935, 137 p.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ª Ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GREGOLIN, Maria do Rosário. Análise do discurso e mídia: a (re)produção de identidades. **Comunicação, mídia e consumo**, São Paulo, vol. 4, n. 11, p.11-25, nov. 2007. Disponível em: <<http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/105/106>>. Acesso em:28 out. 2018

GREGOLIN, Maria do Rosário. Análise do discurso: lugar de enfrentamentos teóricos. In: FERNANDES, C. A; SANTOS, J. B. C. **Teorias linguísticas: problemáticas contemporâneas**. Uberlândia: EDUFU, 2003.

HARDT, Michael. Produção biopolítica. In: HARDT, Michael. **Império**. Rio de Janeiro: Record, 2001, p. 41-60. Tradução de: Berilo Vargas.

HELLER, Eva. A psicologia das cores: como as cores afetam a emoção e a razão. 1. ed. São Paulo: Gustavo Gili, 2013. Tradução de Maria Lúcia Lopes da Silva.

KOCH, Ingedore Villaça. **As tramas do texto**. São Paulo: Contexto, 2014.

LÉVY, Pierre. O que é virtualização?. In: LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?**. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011. p. 15-25. Tradução de: Paulo Neves.

LÉVY, Pierre. A virtualização do corpo. In: **O que é o virtual?**. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011. p. 27-33. Tradução de: Paulo Neves.

LUZ, A. F. da.; CAIADO, R. V. R.; FONTE, R. F. L. da. O instagramer e seu discurso multissemiótico na rede social digital instagram. **Diálogo das Letras**, Pau dos Ferros, v. 06, n. 02, p. 139-158, jul/dez. 2017. Disponível em: <<http://periodicos.uern.br/index.php/dialogodasletras/article/view/2682>>. Acesso em: 15 set. 2018

MARCELLO, Fabiana de Amorim. O conceito de dispositivo em Foucault: mídia e produção agonística de sujeitos-maternos. **Educação e Realidade**, v. 29, n. 01, , p. 199-213, Jan/jun. 2004. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/25426>>. Acesso em: 14 ago. 2018

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5ª Ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MILANEZ, N. Materialidades da ansiedade: corpo e retorno a si em filme de fadas (2010-2015). In: FLORES, G.G.B.; NECKEL, N.R.M; GALLO, S.M.L (Orgs). **Análise de Discurso em rede: cultura e mídia**. São Paulo: Pontes Editora, 2015. p. 233-257.

MITJAVILA, Myriam Raquel; MATHES, Priscilla Gomes. A psiquiatria e a medicalização dos anormais: o papel da noção de transtorno de personalidade antissocial. In: CAPONI, Sandra et al. **A medicalização da vida como estratégia biopolítica**. São Paulo: LiberArs, 2013.

NAVARRO, Pedro. Uma definição da ordem discursiva midiática. In: MILANEZ, Nilton; GASPAS, Nádía Regina (Orgs). **A (des)ordem do discurso**. São Paulo: Contexto, 2010. p. 79-93.

LISBOA. Organização Mundial da Saúde. Ministério da Saúde. **Relatório mundial da saúde: Saúde mental: nova concepção, nova esperança..** 2002. Disponível em: <https://www.who.int/whr/2001/en/whr01_djmessage_po.pdf>. Acesso em: 10 out. 2018.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análise de discurso: princípios & procedimentos**. 3. ed. São Paulo: Pontes, 2001.

ORTEGA, Francisco. **O corpo incerto: corporeidade, tecnologias médicas e cultura contemporânea**. Rio de Janeiro: Garamond, 2008, 256p.

PADAROV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Mentes ansiosas: medo e ansiedade além dos limites**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

SOUSA, K. M. Discurso e biopolítica na sociedade de controle. In: TASSO, I.; NAVARRO, P. (Orgs). **Produção de identidades e processos de subjetivação em práticas discursivas**. Maringá: Eduern, 2012. p. 41-55.

THEISEN, Cristiana. **Ansiedade: sintoma social contemporâneo**. 2015. 44 f. TCC (Graduação) - Curso de Psicologia, Departamento de Humanidade e Educação, Universidade Regional do Noroeste, Santa Rosa, 2015. Disponível em: <<http://bibliodigital.unijui.edu.br:8080/xmlui/handle/123456789/3309>>. Acesso em: 10 jun. 2018.

GENEVA. World Health Organization. World Health Organization. **Depression and Other Common Mental Disorders: Global Health Estimates**. 2017. Disponível em: <<http://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/254610/WHO-MSD-MER-2017.2-eng.pdf;jsessionid=AB571C67D9E6C3CED2BCD2A30FEB0B88?sequence=1>>. Acesso em: 18 out. 2018.

ZORZANELLI, Rafaela Teixeira; CRUZ, Murilo Galvão Amancio. O conceito de medicalização em Michel Foucault na década de 1970. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, [s.l.], v. 22, n. 66, p.721-731, 21 maio 2018. FapUNIFESP (SciELO). Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/1807-57622017.0194>>. Acesso em: 14 ago. 2018

ALVES, Francineuma Gomes; COSTA, Hugo Sampaio; PERINOTTO, André Riani Costa. Instagram como ferramenta para fidelização de clientes: fotografia, redes sociais e turismo. **Marketing e Tourism Review**. v. 2, n. 2, p. 1-21, Dez. 2017.

PÁGINAS ACESSADAS

@AKAPOETA, JOÃO DOEDERLEIN. 2018. Biografia elaborada por Grupo Companhia das Letras. Disponível em: <<https://www.companhiadasletras.com.br/autor.php?codigo=05743>>. Acesso em: 05 nov. 2018.

@PARATODOSOSLOUCOSDOMUNDO. **Não é só ansiedade.** 2018. Post do perfil @paratodososloucosdomundo. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Boh6tzQBG4P/?utm_source=ig_web_copy_link>. Acesso em: 05 nov. 2018.

@PARATODOSOSLOUCOSDOMUNDO. **Para ler quando a ansiedade e outros excessos...** 2018. Legenda do post no perfil @paratodososloucosdomundo. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Bp7890FBksn/?utm_source=ig_web_copy_link>. Acesso em: 8 nov. 2018.

AUTOR: Mateus Rocha. 2018. **Biografia elaborada por Livraria da Travessa.** Disponível em: <<https://www.travessa.com.br/prensa-de-ser-feliz-cronicas-de-um-ansioso/artigo/44da9407-66ea-474a-b57b-158422a27d66>>. Acesso em: 05 nov. 2018.

APORAMA. **7 estatísticas do Instagram que vão te impressionar.** 2018. Disponível em: <<https://aporama.com.br/estatisticas-do-instagram/>>. Acesso em 23 Dez. 2018

DICIONÁRIO DE SÍMBOLOS. **Significado dos símbolos e simbologias: água.** 2018. Disponível em: <<https://www.dicionariodesimbolos.com.br/agua/>>. Acesso em 23 Dez. 2018

DICIONÁRIO DE SÍMBOLOS. **Significado dos símbolos e simbologias: leão.** 2018. Disponível em: <<https://www.dicionariodesimbolos.com.br/leao/>>. Acesso em 23 Dez. 2018

DOEDERLEIN, João. **Ansiedade é...** 2017. Post do perfil @akapoeta. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BcsoSW3B1mq/?utm_source=ig_web_copy_link>. Acesso em: 07 ago. 2018.

DOEDERLEIN, João. **O mundo não é um peso, mas talvez eu sinta o peso dele.** 2017. Legenda do post no perfil @akapoeta. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Bae4TzNhCr5/?utm_source=ig_web_copy_link>. Acesso em: 05 nov. 2018.

DOEDERLEIN, João. **Seis desabafos que escrevi durante uma crise de ansiedade.** 2017. Legenda do post no perfil @akapoeta. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BZEpPZ5heqQ/?utm_source=ig_web_copy_link>. Acesso em: 05 nov. 2018.

DOEDERLEIN, João. **Ansiedade se faz de lupa...** 2018. Post do perfil @akapoeta. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BmRrMEbHrSC/?utm_source=ig_web_copy_link%3E>. Acesso em: 05 nov. 2018.

MARKETING DIGITAL MASSIVO – BLOG. **Usuários do Instagram no brasil atualmente – infográfico 2018.** 2018. Disponível em: <<http://marketingdigitalmassivo.com.br/usuarios-do-instagram-no-brasil-atualmente-infografico-2018/>>. Acesso em 23 Dez. 2018

ROCHA, Matheus. **Me disseram, outro dia, que ansiedade é "mente vazia"...** 2018. Post do perfil @matheusrocha. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BnoSRGhno7J/?utm_source=ig_web_copy_link>. Acesso em: 05 nov. 2018.

ROCHA, Mateus. **Quando você abraça suas fraquezas, você se torna mais forte.** 2018. Post do perfil @matheusrocha. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BonO_dfn8pV/>. Acesso em: 8 out. 2018.